

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

# A BATALHA

Director Interino: JOAQUIM DE SOUSA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 95\$00; Província, 3 meses 28\$50; Africa Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2456 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA SEXTA FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1926

## Somos pela demolição das velharias desde que se respeitem os interesses do povo

Dando execução aos projectos de remodelação da capital parece que a Câmara se prepara para apropriar e demolir os prédios da rua da Palma a fim de dar passagem à projectada avenida que há de vir desembocar no Rossio.

Será, se se realizar, uma obra monumental digna de menção. Nós sempre temos defendido essas remodelações necessárias na principal cidade do país, já porque elas vão dar trabalho a muitos desempregados, já porque não nos é indiferente a estética e a beleza das cousas.

Achamos bem que se deite abaixo tudo quanto é velho e impede a marcha da civilização, defendemos a destruição da modernização da cidade, gostaríamos de ver erguer-se belas obras monumentais, por isso tudo quanto está projectado há tanto tempo, e parece que agora vai ter execução, se for, merece a nossa simpatia. Entendemos que se deve, quanto antes, materializar todos esses projectos que repousam nos arquivos cheios de poeira e de cabelos brancos. Mas entendemos também que eles, os belos projectos, devem ser executados com inteligência, de forma a não prejudicar o público nos seus interesses mais sagrados.

Há ruas inteiras, bairros mesmo muito velhos, nojentos e insalubres, que as picaretas demolidoras já deviam ter arrasado. Mas não devemos esquecer que nessas ruas arcaicas, nesses velhos bairros se acocila muita pobreza que não pode ficar sem abrigo.

Não somos dos que choram, com trémulos na garganta, a desapareição de pedrinhas venerandas, de parieiros históricos mandados construir por reis ou grandes personagens que há muito repousam tranquilos e indiferentes nos seus túmulos de mármore. Para abrir caminho à civilização, para dar melhores comodidades ao presente e acautelar o futuro, não hesitamos em fazer desaparecer o passado. Mas quando, como sucede no momento presente, nesses parieiros se acocila por necessidade os que não têm melhor abrigo, lógico seria que primeiramente se obtivesse moradia para aqueles que sem moradia ficarão se as picaretas demolidoras começarem a trabalhar.

Neste caso da rua da Palma, como no projecto de demolição de parte de Alfama, a Câmara deve ter bem presente que se luta com uma crise enorme de habitações e que não é fácil algumas centenas de famílias encontrarem, de pé para a mão, sítio onde se meterem.

Esta Câmara está, ao que parece, com empenho em grandes realizações. Esse empenho tem-se manifestado principalmente na rapidez com que deita abaixo o que não presta. A demolição do mercado de 24 de Julho foi útil e encheu de satisfação todos os que dela tomaram conhecimento, teve apenas um contra, que parecendo pequeno, é na realidade grave: não se ter previamente obtido alojamentos para muitos dos que ficaram desalojados. Agora pensa-se em demolir a velha e intransitável rua da Palma. Nós batemos palmas... mas verificamos que a Câmara ainda não deu um passo sequer no sentido de edificar casas, moradias cuja falta tanto se faz sentir mesmo antes das demolições.

Teria o Município pensado bem neste problema? Não sabemos. Mas se não pensou, nós, aqui, em nome do povo, permitimo-nos lembrar-lho para que mais tarde não alegue ignorância.

## ANGOLA E METROPOLE—BANCO DE PORTUGAL

### Honorabilidade indiscutível, crédito comprovado e boa fama na Europa

### Como os «inocências» fazem a propaganda do Estado português no estrangeiro. Das partes gajas do tribunal de Haia às aventuras galantes no «Hotel des Indes» — Como lhes agradecerá o Estado capitalista?

Sabemos que muitos leitores desejariam que prosseguíssemos hoje no mesmo tom de anteontem, ao apreciar o julgamento de Marang, em Haia. Mas não podemos passar a vida a brincar com coisas sérias. A comédia da emissão secreta das notas falsas, no fundo, um caso bem grave. E se a ironia se ajusta, uma vez por outra, a alguns dos seus episódios, na maioria dos casos, os acontecimentos de facetas mais tristes ou repugnantes provocam mais indignação e revolta do que o riso complacente.

Se, por vezes, ao apreciarmos as atitudes e as manobras dos dirigentes do Banco de Portugal, um sorriso sadio nos aflora aos lábios, na maior parte dos casos o sorriso é substituído por palavras que, por muito violentas que sejam, não conseguem exprimir o natural desdoro que o povo enganado deseja tirar dos que à sua custa fazem tranquiernices e vivem à tripa fórra.

**Defensores oficiais do Estado—inimigos do Estado**

Fizemos há dias referência à figura triste que os dirigentes do Banco de Portugal fizeram em Haia. Se fôssemos patriotas e defensores do Estado capitalista, esses homens seriam recebidos em Portugal com o maior dos desprezos ou o maior dos apupos. O que eles foram fazer em pleno tribunal, não o fazia o mais encarniçado adversário do Estado burguês. Gaguejando perante as notas de 1.000 escudos (não as de 500 do Angola e Metrópole, note-se bem) de série e numeração repetidas, manifestaram-se culpados das tremendas acusações que a Batalha produziu em 21 de Agosto do corrente ano. Se é dessa forma que eles se vão defender, quando a Batalha for chamada a responder pelos processos que lhe moveram, estão arranjados. Esmagados e mortos. E a nossa principal acusação é essa, a que confirmaremos com a apresentação das notas de 1.000 escudos «Luis de Camões», cujos fac-símiles reproduzimos no aludido número e cujos originais—fazendo prova em Haia—acabam de despenhar-se sobre as cabeças dos «inocências» como esmagadores blocos de granito.

Se fôssemos patriotas perante o descrédito que a atitude desses falsificadores vulgares tiveram em Haia, não nos calariamos, não permitiríamos que suas mãos perigosas voltassem a tocar num único papel do Banco de Portugal. Mas não nos incumbimos de defender o Estado capitalista. Apenas desejamos, ao registar estes factos, mostrar ao povo trabalhador o estado moral daqueles que têm nas suas mãos o produto das suas canseiras, das suas labutas, das suas misérias.

**Uma aventura dignificante no «Hotel des Indes»**

Na Holanda, presentemente, perante tais representantes do Estado português, está em descrédito. A resolução de não se trocarem mais notas do Banco de Portugal é um sinal bem eloquente desse descrédito; a representação de uma peça cómica em que se celebravam as artes dos banqueiros portugueses é um sinal ainda maior. Não repontamos contra a atitude dos holandeses. Achamos-lhes graça. O Estado burguês, símbolo desta burguesia desordenada e desonesta, recebe apenas os insultos que merece.

Mas parece que os Inocências não se contentaram com as suas palavras comprometedoras no tribunal, porque julgando terem cumprido um alto dever que acrescentasse mais alguns louros à coroa da sua honorabilidade intangível, resolveram—talvez para comemorar o seu triunfo—embragar-se elegantemente, pela noite, e fazer do conhecido Hotel de Indes uma hospedaria barata onde meter as suas boas amigas de ocasião.

O caso produziu grande escândalo na Holanda. E se ele não tivesse tido íntima correlação com o julgamento não lhe faríamos a menor referência pública. Mas se o público holandês já conhece estes casos, se os austeros dirigentes do Banco de Portugal, escolheram o afamado Hotel des Indes para local das suas rapaziadas porque não há de a Batalha dizer ao público português, que eles nessa noite, um pouco alegres, levaram para o referido hotel umas damas tão alegres, tão alegres, que até se despiram à frente do porteiro indignado para que ele não as puzesse na rua em trajes menores?

Fernando Emídio da Silva, o mais novo de todos eles, foi o mais ardente defensor da «honorabilidade» das damas e, para que a sua querida não se sujeitasse no dia seguinte a ver a entrada impedida pelo porteiro do Hotel des Indes, fez-lhe hospedar no Hotel Central, ali próximo.

Vá, sejam os condescendentes e não digam agora, que depois do êxito ruidoso das suas respostas no tribunal de Haia, os dirigentes do Banco de Portugal não tenham pugnado pelo bom nome e crédito do país...

Estado capitalista sob a alçada dos códigos. E os defensores do Estado, recessos do péso dos códigos, não podendo fazer desaparecer as notas, negaram a sua interferência no caso. Mas ficaram as notas a denunciá-las.

Confirmam esta já remota afirmação de A Batalha, além das investigações de Pinto de Magalhães, as declarações de Marang em Haia, as quais transcrevemos da reportagem de Reinaldo Ferreira no Primeiro de Janeiro:

«O acusador—O seu nega que tivesse relações com Alves Reis e José Bandeira? O seu—Negar, eu? Nunca. O Banco Angola e Metrópole em cuja fundação colaborou tinha um alto desígnio: fomentar as colónias portuguesas.

«O acusador—Ignorava que as emissões eram devidas a um falso contrato entre o Banco de Portugal e a casa Waterlow. Marang—Ignorava... Porque razão havia de duvidar? Se este contrato era, como tantos outros que eu vi, assinado por Régio Chaves, governador de Angola, pelo general Norton de Matos, antigo governador da mesma colónia e embaixador em Londres... Eu não sou adivinho...

**Um caso picareco para remate**

E agora, para rematar, deixando no leitor uma impressão mais alegre do que o insipido relato destas misérias, vamos a uma anedota recente. Passou-se no tribunal de Haia, há poucos dias, na primeira audiência.

O juiz dirigindo-se em francês ao governador do Banco de Portugal.

—O senhor chama-se Camacho Rodrigues, não é verdade?

O sr. Camacho corrigindo o juiz que olvidara o seu primeiro nome:

—Inocência... Inocência...

E o juiz sorridente da pressa do governador em defender-se:

—Bem sei, bem sei... que o senhor está inocente...

Fatídico nome, o de Inocência!

## EM TORNO DA EMIGRAÇÃO

### Os homens da Associação Comercial, depois de provocarem o êxodo dos trabalhadores representam a farça do «salvemos os desgraçados»

Não são ignorados do grande público os motivos porque é tão numerosa a percentagem de emigrantes portugueses: a terrível crise de trabalho que assola o país do norte a sul. As classes trabalhadoras, lançadas há muitos meses em triste inlavor, vão procurar longe os meios de subsistência que aqui escasseiam. Continuam aqui, sem recursos para viver sem aceitar livremente uma bárbara condenação: a de morrerem à fome!

E quem são os culpados desta triste situação? Muito especialmente o alto comércio e a grande indústria. O alto comércio por não reter as suas desmedidas ambições, exigindo um lucro fabuloso de um capital insignificante. Por pretender extorquir a parte de leão dos produtos que negocia sem ter dado para a cultura ou manufatura desses produtos uma parcela de esforço. Por ter, numa palavra, apenas uma missão: aumentar a sua fortuna!

A grande indústria é culpada desta situação porque até hoje o industrialismo não cuidou de desenvolver as indústrias e arrancar delas o máximo proveito sem determinar a sua paralisação nem onerar o povo com novos encargos. E' dizer: as indústrias falta-lhes inteligência para explorar as indústrias. E ao contrário, sobeja-lhe a audácia para explorar o trabalho. Da incompetência destes cavalheiros resulta, necessariamente, o agravamento do preço dos produtos manufacturados nessas indústrias.

Em análise subsequente temos na valorização do escudo uma outra causa da crise de equilíbrio e da concomitante emigração. O desequilíbrio económico provocado pela subida do escudo trouxe um aparente bem estar para as classes trabalhadoras, bem estar que derivou entre a valorização, logo que o escudo canalizou para a valorização.

E a quem cabe as responsabilidades desse desequilíbrio, dessa verdadeira «debacle»? Ao alto comércio; à grande indústria. Sim, porque não é ao operariado, não é às classes trabalhadoras que cabe a responsabilidade dessa calamidade.

As classes laboriosas não lhe pode ser imputada a culpa da desvalorização do escudo. E' verdade que essas classes em sucessivos movimentos reclamaram aumento de salário. Mas porque? Porque o custo da vida atingira um coeficiente espantoso, um coeficiente que obrigava a uma elevação da receita do operário!

Sendo o alto comércio e a grande indústria os culpados do encarecimento do custo da vida são eles também os responsáveis dos movimentos em que os trabalhadores se lançaram. O operariado foi a principal vítima das suas criminosas ambições, e será por muito tempo o bode expiatório do seu delírio de abastança!

Porisso o desgraçado tem que emigrar, tem que ir longe buscar o que no seu bérço natal lhe falta.

Mas a que organização pertencem os responsáveis da carestia da vida e da safada para o estrangeiro de milhares e milhares de trabalhadores acossados pela fome? A Associação Comercial de Lisboa!

Pois esta colectividade, que também se tem ocupado da emigração, enviou-nos ontem o seguinte ofício:

Sr. Director do jornal A Batalha — Na reunião de Direcção desta colectividade, realizada em 16 do corrente, tive a honra de apresentar a seguinte moção que foi aprovada por unanimidade:

«Considerando que o êxodo constante dos nossos homens válidos constitui a ruína do nosso comércio, da nossa indústria e da nossa agricultura;

«Considerando que essa emigração é uma consequência imediata da crise pavorosa que atravessamos;

«Considerando ainda que a nossa população emigratória não se faz acompanhar daquela protecção que é já hoje lei e norma nos países que desse problema cuidam a sério como a Alemanha, a França e a Itália, de onde o emigrante sai devidamente defendido e protegido e não como aqui, que vai absolutamente à aventura, quase sempre desastrosa na sua maioria dos casos;

A Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa convida o Governo a pôr em concurso todas as nossas fontes de riqueza ainda inexploradas e a prestar a atenção a todas as propostas que lhe sejam apresentadas e que, resolvendo muitos dos nossos grandes problemas que o Estado não pode resolver por falta de capitais, são ao mesmo tempo a imediata solução para a crise dos seus trabalhos».

Dando cumprimento a este patriótico desejo venho junto de v. apelar para os seus nobres sentimentos do mais puro patriotismo para que v. na defesa do nosso património sagrado, envide todos os esforços para que a safada quase permanente, dos braços que tanta falta hoje nos faz para satisfazer as necessidades da lavoura, do comércio e da agricultura, tenha um termo imediato, sem o que mais dias nos reservará o futuro.

Podemos afoitamente exclamar que a Pátria está em perigo e que a vassante emigratória é das maiores calamidades que podiam cair sobre a nossa vida económica já tão desfalcada por factores de vária ordem.

E' necessário entrar esta cavalcada para o abismo, e porque julgamos a um elemento indispensável para nos auxiliar, nesta campanha de salvação nacional, para v. apelarmos a fim de que, por todas as formas ao seu alcance, nos coadjuve e nos auxilie.

E' preciso que v. acompanhe os nossos protestos junto do Governo e que v. na sua esfera de acção local, faça ver a esses desgraçados o engano em que se lançam indo para países estrangeiros onde os aguarda uma miséria maior do que aquela que nas suas terras possam sofrer.

Pela cooperação que nos dispense, reciba v. a expressão do nosso reconhecimento, com os nossos bons desejos de Saúde e Fraternidade. — O presidente da Direcção, (a) Eduardo Maria Rodrigues.

Que diz o leitor a este atrevimento? Então os responsáveis da emigração é que vêm apelar para nós, exclamando «que a pátria está em perigo e que a vassante emigratória é das maiores calamidades que podiam cair sobre a nossa vida económica já tão desfalcada por factores de vária ordem!»

Já é ter tope! Já é ser usado! Então não compreendem esses exploradores que o operariado emigra porque eles lhe negam o trabalho, ou quando lho dão retribuem-no miseravelmente!

Já é ter descaramento! Não entendem esses sanguessugas que a emigração alia a e o recurso que ao operariado resta para resistir às ambições dos homens da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa!

Não negassem esses cavalheiros o trabalho a milhares de desgraçados que partiram e já eles não abandonariam as suas terras e os seus lares, já eles não iriam procurar longe alívio ao seu sofrimento. Retribuam esses senhores devidamente o trabalho

## CONTRA A LIBERDADE

### Os republicanos confiam, os monárquicos conspiram e nós não confiamos nem conspiramos

Ante o mutismo apático dos desacreditados republicanos, levando de vencida a ressaltada resistência dos monárquicos, mostramos, não desacomodadamente, o trama da reacção—matar, com a vibração de um golpe traçoireiro, as vagas realistas que o povo usufrui, e a cujo conjunto se costuma chamar liberdade.

O que nos ficou para dizer, oculatmo-lo porque ponderamos circunstâncias que nós não criámos, das quais são responsáveis republicanos e monárquicos, todos reacçãoários, porque o povo não sabe distinguir no amálgama de partidos e grupos sectários onde a liberdade sempre se confundiu com uma coisa que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reacçãoário poderia encher de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodam a todas as tentativas liberdicidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais político do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada, apenas sabem reclamar a cadeia—a cadeia, onde eles têm encerrado tantos revolucionários sinceramente amantes da liberdade.

Muito temos a dizer a propósito dos maneios monárquicos. Fá-lo hmos. Nunca seremos, contudo, joguete de republicanos resignados e tímidos nas ocasiões em que não dominam. Nunca teremos, todavia, a menor hesitação no ataque às conjuras monárquicas que tenhamos a dita de surpreendermos porque estamos sempre dispostos à defesa da liberdade. Denunciaremos factos, acusaremos homens, com desassombro, perante a opinião pública, perante a consciência do proletariado, perante a sinceridade alarmada dos idealistas. Perante a polícia e perante o governo nunca denunciaremos nem acusaremos. A nossa missão é muito diversa e dela estamos conscientes.

Somos pela liberdade. Da liberdade formamos os nossos ideais e as nossas aspirações. E os nossos ideais e as nossas aspirações não se compatibilizam nem se convencem com qualquer domínio de partido, de seita ou de casta. Todos são nossos inimigos. Vencido ou derrubado um inimigo, aprestar-nos hmos a combater o inimigo que tiver ficado dominador. Eis tudo.

O Espadim Português significa, para nós, uma conjura para mais afixar um povo que, amando intuitivamente a liberdade, nem sempre sabe ser livre.

Os monárquicos têm desenvolvido uma larga actividade, desde a intriga e do boato até ao alijamento de adeptos e à combinação operária porque eles lhe negam o trabalho, ou quando lho dão retribuem-no miseravelmente!

Já é ter descaramento! Não entendem esses sanguessugas que a emigração alia a e o recurso que ao operariado resta para resistir às ambições dos homens da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa!

Não negassem esses cavalheiros o trabalho a milhares de desgraçados que partiram e já eles não abandonariam as suas terras e os seus lares, já eles não iriam procurar longe alívio ao seu sofrimento. Retribuam esses senhores devidamente o trabalho

## Notas & Comentários

**De cara esconchoada**

O monumento da Guerra Peninsular, há 17 anos em construção no Campo Grande, está destinado a conservar eternamente o seu já histórico tapume. Por razões que ignoramos e que não temos interesse em desenvolver, esse monumento está enguado. De quando em vez fala-se na sua conclusão, mas ela já jamais se aproxima. E assim anos e anos se vão passando, substituindo-se apenas as táboas do tapume.

Porém já vão decorridos 17 anos e os primeiros cabelos começaram a aflorar no rosto do monumento. Como fossem tomados os bombeiros de lhe aplicar uma lavagem por meio de agulheta, o que quer dizer uma autêntica barba de velho. E lá está lá todo o anho de cara esconchoada esperando mais 17 anos para de novo ver a «Gillete».

**Achamos bem**

O sr. Ferreira do Amaral propôs ao ministro do Interior para a bandeira do Corpo de Polícia de Segurança Pública de Lisboa a Ordem de Torre e Espada.

**A restauração...**

Ontem, um dia depois do aniversário da restauração da independência de Portugal, começou a demolição dos passeios da Praça dos Restauradores onde se ergue o monumento aos restauradores. De manhã apareceu ali uma brigada de picaretas que imediatamente começou na sua tarefa. A praça tem já outra fisionomia, vendo-se apenas, além do histórico monumento, os quatro quiosques que a picareta demolidora em breve afastará.

Com o aniversário da restauração de Portugal, coincidiu o início da restauração da Praça dos Restauradores. Quanto pode o Destino!

**Habituais delicadezas**

O actor Robles Monteiro foi há dias preso por três civis, por ter feito declarações na Boa-Hora que não agradaram aos seus captores. O conhecido actor-empresário foi pouco depois solto sem que tivesse passado o mau bocado de transitir pelo posto antropológico do governo civil.

O caso não é virgem.

Se se trata de uma pessoa de categoria o arguido é posto em liberdade por se reconhecer a arbitrariedade. Mas só quando se trata de pessoa categorizada é que imediatamente se repara o erro. Porisso, a violência da polícia para com o actor Robles Monteiro sendo merecedor da nossa repulsa, não deixa de dar-nos razão nas nossas referências à polícia.

**Exposição... em má posição**

FILADELPHIA, 2.—A exposição internacional desta cidade encerrou-se no último dia de Novembro, com um prejuízo de aproximadamente 20 milhões de dólares. (L.)

**«Educação Social»**

Revista de pedagogia e sociologia  
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retiros, 125—LISBOA.

A' venda em administração de «A Batalha».

Ioaquim de SOUSA



**TEATRO SALÃO FOZ**  
Matiné às 3 da tarde—Soirée às 8,45  
ESTREIA do notável dueto cómico-sério  
**LES MAROCC**  
GRANDIOSO ÉXITO do dueto  
francês a grande voz  
**Marty e Riant**  
ULTIMOS ESPECTACULOS  
da graciosa bailarina-coupletista  
**FABIOLA**  
Concerto pela FOZ MELODY BAND  
No écran—O HOMEM DE CIÊNCIA (5 p.)  
**PREÇOS POPULARES**

## Luta de classes

### Os fabricantes de calçado reclamam aumento de salário

Os fabricantes de calçado estão fazendo um movimento que merece o aplauso de todo o operariado. Em face da carestia reinvidicam aumento de salário. Mas nas suas reclamações não esquecem os interesses dos consumidores, na maioria operários também, visto que protestam contra a má qualidade dos aviamentos empregados.

De um manifesto que a comissão de melhoramentos do Sindicato dos Fabricantes de Calçado de Lisboa dirige à classe recortamos os seguintes e elucidativos períodos:

«É deveras crítica a situação que os fabricantes de calçado atravessam, mercê da baixa de salários que alguns obreiros—dêses mais miseráveis—impuseram, e põe em perigo os preços de mão de obra que constam da tabela da nossa Associação, em vigor desde 1924, aceite pelos senhores industriais. Os fabricantes de calçado que através dos tempos sempre têm sabido defender, com dignidade, os seus interesses, não podem desmentir essas heróicas tradições, consentindo que uns energúmenos quaisquer, que se apelidam de obreiros, abusem veladamente dos interesses e da dignidade duma classe composta por milhares de trabalhadores, que só sabem viver do produto do seu trabalho.

O que se está passando em oficinas dêses tais obreiros, alguns até misturando sapatos com as panelas de cozinha, tal é a ansia de fabricarem, é simplesmente vergonhoso; porque não se limitam a pagar menos que o que está estipulado na nossa tabela, é o aviamento que eles dão para a manufatura da obra que não presta, e pretendem fazer dos operários uns verdadeiros subjugos.

Tudo isto é nojento, é indigno dos fabricantes de calçado que sempre subearam responder condignamente a quem dêles pretendes fazer capacho.

Depois, a baixa que os senhores obreiros pretendem—e que alguns por falta de energia dos operários conseguiram—é para competir no mercado uns com os outros: Ora isto não podemos, nós operários, tolerar. Se eles se querem comer, roubando-se os fregueses, que o façam à sua custa e não à nossa. A carestia da vida e o facto de só termos para comer quando trabalhamos, não permite que sejamos o bode expiatório da guerra que os senhores obreiros fazem uns aos outros.

Portanto, camaradas, é necessário defender com energia o pão de nossos filhos, contra a quadrilha que tem ridicularizado uma indústria de tão belas tradições e ainda por cima o quer fazer à custa da nossa miséria.

Em face dêste estado de coisas já hoje se realiza uma grande sessão para a qual a comissão de melhoramentos fará distribuir o seguinte convite:

«Tratamos os nossos interesses, que a ganância dos patrões está pondo em perigo, impõe-se.

Os fabricantes de calçado necessitam demonstrar ao patronato que ainda têm energia para lutar.

Perante o encarecimento do custo da vida é necessário reclamar aumento de salário e nunca consentir que baixem os que, segundo a tabela da nossa associação, temos que receber.

Para apreciar êste estado de coisas e preparar-se a reclamação de aumento de salário em conformidade com a nossa tabela, convidamos todos os fabricantes de calçado da área do Alto do Pina a assistir à sessão que, hoje, às 20 horas, se realiza na sede das secções operárias do Alto do Pina, rua Barão Sabrosa, 81, 1.º.

É necessário a presença de todos. Sejam unidos, pois a nossa união nasce a força com que temos de enfrentar os nossos exploradores.

A sessão, pois.

### O fim de uma heroica luta

### O regresso à normalidade...

LONDRES, 2.—Os mineiros do sul de Gales regressaram hoje ao trabalho, estando definitivamente terminada a greve nacional dos mineiros de carvão. As medidas extraordinárias do estado de circunstâncias excepcionais são hoje revogadas pelo governo, bem como todas as restrições estabelecidas para o consumo e comércio de carvão.

### Actividade industrial...

LONDRES, 2.—O regresso à normalidade da produção carvoeira originou uma grande actividade industrial, especialmente nas altas indústrias, que mais estavam sofrendo com a restrição do consumo. As indústrias do aço viram-se obrigadas a utilizar largamente o carvão estrangeiro, provando-se, porém, que a sua potência calorífica é inferior, em metade, à do carvão inglês.

### Subsídios aos operários...

MOSCOU, 2.—O Congresso dos Sindicatos Operários Comunistas enviaram mais 400.000 rublos aos grevistas mineiros ingleses.

### TEATRO AVENIDA

Teatro mais popular de Lisboa  
HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE  
Espetáculo sem rival em Lisboa e o único teatro que explora com êxito e graça, o género da comédia musical

O monumental «Aucaville»

### O Dr. da Mula Ruça

**TEATRO NACIONAL**  
**HOJE**  
Tel. N. 3049  
COMPANHIA  
BERTA BIVAR—ALVES DA CUNHA  
A's 21 horas:—A representação da tragi-comédia em 4 actos e 17 quadros, de Lenormand  
**O HOMEM E OS SEUS FANTASMAS**  
Formidável trabalho de  
**Alves da Cunha**  
e  
**Adelina Abranches**

## Actualidade bolchevista

### O corpo de Krassine chega a Moscovia

MOSCOVIA, 2.—A uma contenda as cinzas de Krassine chegou ontem em comboio especial a esta cidade, sendo aguardado na estação pelos membros do governo soviético e corpo diplomático. Seguidamente organizou-se o cortejo fúnebre em direcção ao Kremim, desfilando entre compactas filas de povo. A urna foi colocada à direita de Lenine, sendo deposita uma coroa pelo sr. Rantanz, embaixador alemão, como decano do corpo diplomático. (L.)

### Os ingleses queixam-se

LONDRES, 2.—O sr. Chamberlain declarou na câmara dos comuns que a propaganda soviética tem violado largamente as cláusulas do tratado de comércio anglo-russo, a ponto dêste poder ser denunciado pela Inglaterra, mas até agora não pareceu conveniente proceder assim. (L.)

### Os bolchevistas almoçam

BERLIM, 2.—Tchitcherine almoçou hoje com o sr. Stresemann, tendo sido igualmente convidados o embaixador russo, o secretário geral e outros funcionários superiores do ministério dos negócios estrangeiros. (L.)

### Hospitais Cívicos de Lisboa

### Concurso para vagas de internos

A Direcção geral dos Hospitais de Lisboa abriu hoje concursos de provas documentais e práticas, públicas e eliminatórias, para o provimento dos seguintes lugares de internos do 2.º ano: 8 do serviço geral de clínica médica; 10 do serviço geral de clínica cirúrgica; 2 da especialidade de oftalmologia; 1 da especialidade de otorinolaringologia; 1 da especialidade de dermatologia, sifilografia e doenças venéreas; 2 da especialidade de pediatria cirúrgica; 2 da especialidade de obstetrícia; 1 do serviço de fisioterapia; 1 do serviço de anatomia patológica.

Nos hospitais cívicos de Lisboa está também aberto, pelo prazo de trinta dias, concurso de provas documentais e práticas, públicas e eliminatórias, para o provimento de trinta e seis lugares de internos do 1.º ano, ao qual poderão concorrer os médicos e os estudantes de medicina com aprovação nas cadeiras de clínicas.

### A actualidade chinesa

### Dizem os estrangeiros que a situação melhorou

XANGAI, 2.—As últimas notícias recebidas de Hankow dizem que a situação melhorou finalmente, tendo sido estabelecidos acordos com alguns dos sindicatos operários, restando apenas o perigo por parte dos agitadores, que procuram fomentar a eclosão de combates entre chineses e estrangeiros. A presença dos navios de guerra e os desembarques de contingentes navais parecem ter sido, porém, de salutar efeito. Os oficiais das tropas bolchevistas dizem que as autoridades locais estabeleceram em Hankow taxas adicionais sobre o comércio estrangeiro, à semelhança do que já foi feito em Cantão. Antes de partir para Pekim, o novo ministro britânico sr. Miles Lampson, que há dois dias se encontra em Xangai, irá a Hankow para apreciar a situação no próprio local.

### PROPAGANDA SINDICAL

VELEÇA DO MINHO, 30.—Passaram por esta terra em missão de propaganda sindical dois delegados da Secção de Propaganda da Construção Civil do Norte que fizeram na sede do Sindicato daquela indústria uma sessão que foi bastante concorrida pelas operárias associadas.

Depois de aberta a sessão foi dada a palavra a um dos delegados, José Augusto de Castro, que em breves palavras, e a propósito da frase «cada vez o mundo está pior», se referiu à evolução das sociedades desde os tempos mais remotos até à presente data. Em seguida principiou a falar António Inácio Martins, que largamente se espraçou em comentários sobre os mais palpitantes temas, como a necessidade da organização do proletariado, não só para se antepor à organização petronal, como também para pouco a pouco lhe ir arrancando o máximo de regalias.

Demonstrou qual a verdadeira missão dos sindicatos, que não são apenas para reclamar a diminuição do horário do trabalho e aumento de salário, mas para ir também instruindo e educando os sindicatos para que amanhã possam estar à altura da missão que lhes compete desempenhar na sociedade transformada.

Falou sobre outros assuntos mais que muito interessaram a assistência, terminando por apelar para todos no sentido de que emprestem ao sindicato o melhor do seu esforço.

Corroborando estas palavras diversos componentes do sindicato fizeram interessantes afirmações demonstrativas da boa vontade que os anima de levarem a organização ao ponto que lhe está indicado.

Inácio Martins, a fechar, fez um apelo aos jovens para que levantem o Núcleo da Juventude Sindicalista local, sendo correspondido pelos jovens presentes.

E assim terminou esta bela jornada de propaganda, seguindo os delegados no dia seguinte para Monsanto, levando as melhores impressões desta terra.—C.

**MANCHESTER**  
Fatos, sobretudo e garbados, não comprem sem ver e consultar os preços por que vende o DEPOSITO DE LANIFICIOS da Caxilha, Colimbra e Estrangeiro na  
**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 13, 1.º, DIREITO**  
(canto, pegado ao hotel Avenida Palace)  
Fatos e sobretudo executam-se em 24 horas  
Manda amostras ao domicílio e Província.—Telefone Norte 300.—Ascensor  
GABARDINES «EAGLE»—LONDON—Exclusivo—Pregos únicos  
—Para os menos remediados, abriu aquela casa uma secção especial de vendas a prestações, que equivale a comprar a dinheiro.

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### No Nacional

Alves da Cunha leva à scena uma das peças mais notáveis do repertório moderno «O homem e os seus fantasmas» de Lenormand, tradução de Alvaro de Andrade

Ninguém diga o contrário. Alves da Cunha prestou um enorme serviço à arte dramática, pondo no palco do teatro que felizmente caiu nas suas mãos de empresário e de artista, a formidável peça de Lenormand «O homem e os seus fantasmas». Lenormand ocupa um lugar de vanguarda no teatro moderno. Não é um dramaturgo vulgar. Analisa os fenómenos humanos, como o psicólogo mais experimentado, dissecando os fenómenos sociais como o analista que no seu laboratório ensaiava meticolosamente as noções químicas mais complicadas.

Tudo o teatro de Lenormand é um friso admirável de figuras estropeadas de moral natural, gafadas de sentimento. O seu teatro é a própria vida posta à luz da ribalta, sem uma hesitação de vista, sem um vislumbre de frouxidão crítica.

A figura simbólica do «Don Juan» eterno, frívolo, pejado de taras, deformado de luxúrias, laivado de pecados de carne, tomou em «L'homme et ses fantômes» aspectos duma verdade cruel, brutal, onde não há a cerimónia de contumélia subversiva da tradição galante, nem o receio infantil do protesto ingénuo, nem a mudez flagrantemente desigua que aponta a pestifera emanção amorosa feita esbeltez dos sentidos, mas afinal translocada absorção sensual, inimiga de transparência única da sinceridade que faz afrontar a mazeltenda de formação das tendências exultantes do gozo levado à mais requintada expressão da voluptuosidade animal.

Mas, Lenormand não é só o psicólogo, o analista, o escalpo, é também o fino, o gracioso estilizador de frases sóbrias, o construtor seguro, impassível, hábil, vivaz, dum teatro fulminante, sintético, enunciação só e bastante, mas suas cenas rápidas, persuasivas, duma sugestão quase inacreditável à força de real. Não são dezasseis quadros, são dezasseis idades da vida amorosa, que o marco milário dum pano que corre anela, significa, aponta, numa quasi divisão de sentimento propensivo, em que a sensibilidade se nuança, na congeminação do prazer levado à cristalização de aspectos que vão desde a aurora festiva de florescimento dos sentidos até a contumélia de procriação gozosa, amantilhada, pela decrepitude do corpo, à procura de sensações novas, a frieza da virilidade, o amarelecimento dos nervos, em demanda do calor das carnes novas, muito novas, frescas de epiderme, quentes de essência, de seiva. Mas, se assim não devia ser, assim é, na vida, principalmente no meio devasso em que a tróico do dinheiro tudo se permite, raro se não consegue. Alguns moralistas, nesta «première» célebre nos anos do Teatro Nacional, esbafioram, numa gesticulação de quem mede... «rewards» que enfeitam veludos para as pecadoras dos clubes de tavolagem, sem curar de saber dos corpos que vão cobrir e da proveniência do dinheiro que lhes enche as burras anafadas de notas.

Bem haja Alves da Cunha que, rompendo com as deficientes concepções de moralidade de «trazer por casa» trouxe ao palco do Nacional «O homem e os seus fantasmas».

Alvaro de Andrade cabe a glória de ser o tradutor de tão notável obra teatral. A sua tradução é, indubitavelmente, uma das melhores traduções que nos últimos tempos têm aparecido e, se considerarmos que se trata duma peça de primeira categoria, ainda mais sobe o valor do seu trabalho que deve servir a muitos tradutores portugueses, de exemplo pela honestidade com que está realizada e pela correspondência literária que a orienta. Para que tudo se conjugasse para o devido realce do drama de Lenormand, Leitão de Barros num esforço inteligentíssimo e com um primoroso sentimento estético fez decorações que são, incontestavelmente, a melhor montagem neste genero que há muitos anos se faz entre nós. Trabalho esbeltaíssimo, leve, fino de pintura, gosto acabado e galantíssimo de disposição, emprego cuidadoso, rico e elegante de objectos e pancejamento, tudo o que se vê e se sente—Leitão de Barros caprichosamente logrou. Muito bem!

No desempenho do trabalho de Alves da Cunha é estupendo, máscara, gesto, atitudes, pisar, dicção, autêntica criação do seu talento omnimodo, excepcional. Adelina Abranches, admirável de naturalidade e de intenção nos seus dois papeis. Berta de Bivar muito certa, muito vibrante, arrancou palmas sinceras. Carlos de Oliveira dizendo com uma encantadora cadência, com sempre. António Sacramento muito à vontade com uma bela sobriedade. Bela caracterização e correctíssimo. Calzans. Muito bem. Ribeiro Lopes. Emília de Araújo Pereira. Bruno Rickety. Ofelia Brochado, com muita discrição. Luís Pinto, numa pequena rãbula, consciencioso. Os outros artistas regularmente. A direcção artística de Araújo Pereira, grande mestre, espírito cultíssimo, merece especialíssima referência. Só os seus profundos conhecimentos, de uma orientação moderna, realizavam esse trabalho de montagem directiva de «O homem e os seus fantasmas».

O Teatro Nacional na direcção de Alves da Cunha, entrou francamente num período de produção artística notável. A maneira febril com decorreu esta primeira representação denotou o interesse que a peça de Lenormand provocou. Não faltaram protestos de puritanos da moral, prontamente abafados por uma selecta assistência que, se não compreendeu a peça, teve ao menos o bom senso de... fingir que a percebeu!

### Nogueira de BRITO

### Compagnia Lucília Simões-Erico Braga

Conforme era de prever o regresso da brilhante companhia Lucília Simões-Erico Braga, ontem, ao elegante Teatro da Trindade, constituiu um verdadeiro acontecimento artístico. «As Fogueiras de São João» tiveram uma representação superior e notabilíssima. Lucília Simões, a grande artista, foi sublime de verdade, de intensidade e de beleza dramática na interpretação do papel de Maria. Brilhantemente secundada pelos restantes interpretes, entre eles Erico Braga, Amelia Pereira, Mario Santos, Seixas Pereira, etc. Brevemente, a fim de enriquecer, quanto possível, o já formidável repertório desta Companhia, efectuar-se-á a primeira representação, neste teatro, da celebre comédia de Gergé Sand, «O marquez de Villemer».

### «O cabaz de morangos»

A revista do Eden que, diga-se de passagem, é a única que ainda está em scena, sendo uma peça popularíssima, possui o condão de agradar a todas as camadas sociais. Com espiantuosíssimas situações, com lindos versos, graciosíssimas coplas e inspirada música, «O cabaz de morangos» tem ainda referências críticas a varios acontecimentos, dos que mais têm interessado o público.

### «Era uma vez uma menina...»

Apenas durante mais algumas noites, em 2 sessões cada uma, se representa no teatro Variedades, Parque Mayer, pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, a lindíssima comédia «Era uma vez uma menina...», do repertório da actrizinha Maria Helena. Na quarta-feira, 8, para cumprimento do programa que o empresário Mendonça de Carvalho se impôs, realiza-se neste teatro a primeira representação da engrandecida farsa «O pinto calado», do repertório do antigo Gimnásio, obra admirável da autoria de Ernesto Rodrigues e André Brun, na qual Maria Matos tem uma das suas mais célebres criações numa característica flagrante de espírito e Silvestre Alegria um dos mais belos e primorosos tipos cómicos, num trabalho cheio de detalhes pitorescos. Em «O pinto calado» estreiam-se: o actor Henrique Alves, as atrizes Paz Rodrigues, Beatriz Belmar e Ruth Margal e os actores José Gaspar e José Cardoso, ao lado de Maria Lagôa, Berta de Albuquerque, Maria de Luna, António Palma, João Lopes, Santos Melo, José Gambôa e Joaquim Miranda.

### A estreia do dueto «Les Marrocs»

Estreia-se hoje no Foz o dueto cómico «Les Marrocs» que exhibe um variado repertório. Continuam a obter êxito nas «matinées» e nas «soirées» os duetistas a grande voz Marty, tenor, e Riant, soprano dramático e Fabiola, bailarina e coupletista de renome. Os espectadores abrem com o drama de aventuras «O homem de ciência», e a popular orquestra de jazz «The Foz Melody Band» dá um interessante concerto.

### «A Petiza do Gato»

Hoje, amanhã e depois é ainda com a soberba comédia de Ariches, tradução de Feliciano Santos, «A Petiza do Gato», que se realizam os espectáculos da companhia Amélia Rey Colaco-Robles Monteiro, no teatro do Gimnásio, companhia e teatro hoje considerados dos primeiros de Lisboa, em virtude da sua actual brilhantíssima exploração. «A Petiza do Gato», em pleno triunfo, realiza o ideal das pessoas amigas do teatro bem intencionado, que pode ser visto por toda a gente, especialmente pelas senhoras. A seguir representar-se-á neste teatro a peça original do dr. Ramada Curto, «O caso do dia».

### A opereta «Mouraria»

O êxito formidável alcançado no teatro Apolo pela maravilhosa opereta portuguesa «Mouraria» produziu naquele teatro uma verdadeira revolução. O teatro, de uma noite para outra, passou à categoria de mais concorrido e melhor frequentado de Lisboa; a companhia Almeida Cruz, de repente, irradiou a sua fama por todo o país; a peça ganhou foros do maior acontecimento dos últimos vinte anos vencendo todas as outras; Adelina Fernandes, Almeida Cruz, Maria Laura, Alvaro Pereira, Margarida Ferreira, Artur Rodrigues, Maria Mesquita e Eduardo Raposo, os seus principais interpretes, são agora os artistas mais populares, o público enche, literalmente, todas as noites, as duas sessões.

### Bailes russos e trabalhos de circo

Das admiráveis companhias colaborando num mesmo espectáculo é um acontecimento artístico de grande sensação. Pois é isso que está sucedendo no Coliseu dos Recreios, cujo programa, dividido em três partes, é preenchido pelas magníficas atrações da Grande Companhia de Circo, entre elas o emocionante trabalho intitulado a Bala Humana e os Ursos Comediantes.

### O 4.º concerto Fão no Gimnásio

Vai intensificando-se gradualmente o interesse do público pelos magníficos concertos Fão, dos quais o 4.º se efectua domingo próximo, no Teatro do Gimnásio. Deve atribuir-se o facto às apuradas composições que nêles são executadas pela Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a inteligente direcção do ilustre maestro Fernandes Fão. Assim, o programa do concerto de domingo é verdadeiramente magistral, revelando o mais requintado gosto artístico. Ei-lo:

1.ª parte: «8.ª Sinfonia» de Beethoven; a) alegro vivace e com briu b) allegro scherzando c) Tempo di Menuetto d) Alegro vivace.

2.ª parte: «Prelúdio» do 3.º acto do «Tannhäuser», Wagner; «Pini di Roma» S. Respighi (poema sinfónico em 4 partes sem interrupção) I, pini di Villa Borghese; II, pini Presso uma catacumba; III, i pini del Gianicolo; IV, pini della Via Appia. Orquestra aumentada com piano, Madame Sofia Freire Saldanha, Celeste Sampaio Ribeiro, Glöckenspiel, Mademoiselle Rosa e uma fanfara.

3.ª parte: «Sarabanda», «Giga» e «Badinorie Correlli» (1.ª audição por orquestra portuguesa). «Capricho espanhol», Rimsky-Korsakov a) alborada b) Variazioni, c) Alborada d) Scena e canto gitano, e) Fandango asturiano (todos estes números são executados sem interrupção).

Para o Concerto Fão, de domingo, no Gimnásio, estão já à venda os bilhetes.

### MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

A. S. M. Auxiliador dos Inabitados do Trabalho.—Refine hoje em assembleia geral ordinária, pelas 19,30 horas, para eleição dos corpos gerentes para o ano de 1927.

**TIVOLI**  
Telefone N. 5474  
ÀS 21 HORAS  
**O NAVEGANTE**  
Super-film burlesco com  
**Buster Keaton (Pamplinas)**

## A Noite da Desforra

— VENDETTA —  
Drama histórico com Jean Mithot, Charles Vancil, Evgénio de Pédrill e Simone Vaudry

### UMA CINÉ-FARÇA

### REVISTA DE ACTUALIDADES

## Câmara Municipal de Lisboa

### Resoluções tomadas na reunião de ontem da Comissão Administrativa

Sob a presidência do coronel sr. Vicente de Freitas reuniu-se ontem, em sessão ordinária, a comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa com a presença de todos os vogais.

O vogal sr. Mardel Ferreira propôs, e os seus colegas aprovaram, que imediatamente se organizasse o Corpo Auxiliar de Bombeiros Voluntários da Cidade de Lisboa, tendo em atenção para a ordem de matrícula, as datas das promoções na 1.ª e 2.ª classes e as datas de exames para a 3.ª classe; que para o pessoal dos serviços de saúde seja também organizada uma matrícula única, nas condições do número 1, se fixarem os quantitativos da 1.ª, 2.ª e 3.ª classes do quadro moral; 4.ª. que as promoções sejam de futuro subordinadas à constituição geral das submatrículas únicas, tendo igualmente em atenção os regulamentos e ordens de serviço. Os actuais bombeiros na situação de adiados, conservariam as patentes actuais, e até que se vá no respectivo quadro terão o número do fim de toda a escala. 6.ª. que na secretaria do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa, e em virtude do Corpo Auxiliar de Bombeiros Voluntários da Cidade de Lisboa, fazer parte integrante do mesmo corpo, passa a haver a matrícula geral do pessoal alistado no Corpo Auxiliar.

7.ª. A nova numeração entrará em vigor no dia 1.º de Janeiro de 1927.

### Conclusão da Avenida Almirante Reis

O mesmo vogal apresentou est'outra proposta que foi aprovada por unanimidade. «Tornando-se necessária para a conclusão da avenida Almirante Reis a expropriação do terreno e edificações onde deve ser feito o seu traçado, proponho: 1.º Que se declare ser de utilidade pública nos termos do art. 20 da Lei de 26 de julho de 1912, as obras a fazer para o prolongamento, alargamento e regularização das vias públicas conforme o projecto que junta e que desta proposta fica fazendo parte integrante;

2.º Que seja aprovado definitivamente o referido projecto;

3.º Que o prazo para a efectivação da expropriação é fixado em dois anos;

4.º Que o prazo para o começo das obras é de 30 dias e para o termo das mesmas o máximo fixado seja de 24 meses;

5.º Que a importância destinada a estas expropriações e obras cubra dentro das possibilidades orçamentais.»

### Vendedores de peixe

O sr. Filipe Cayola dissertou largamente sobre a forma como as vendedeiras de peixe distribuíam o público com a venda das pescadas assopradadas, tendo enviado para a mesa uma proposta sobre o assunto que termina por estas conclusões:

1.º Na cidade de Lisboa, quer nos mercados, estabelecimentos comerciais e na venda ambulante, é expressamente proibida a venda de peixe assopradado;

2.º Aos transgressores desta disposição, além do peixe ser inutilizado, é aplicada a multa de 50\$00, na repetição o dobro e na reincidência além da multa aplicável, a pena de prisão por desobediência. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

### Postos sanitários

Ainda pelo sr. dr. Filipe Cayola foi apresentada a seguinte proposta, que obteve aprovação unânime:

Que sejam aplicados 200.000\$00 na completa instalação dos postos sanitários da cidade, devendo para cada um instalarem-se o competente processo, a fim de ser submetido à aprovação da Comissão Administrativa.

### A questão das águas

Pelo sr. Mardel Ferreira ainda foi apresentada a seguinte proposta que foi aprovada por unanimidade:

Que tendo sido dado o referendun pela maioria das Juntas de Freguesia à deliberação tomada por esta Comissão Administrativa da Câmara Municipal em sessão de 25 de Outubro findo, acerca da remissão do contracto com a Companhia das Águas o sr. dr. Advogado Sincio proceda à notificação respectiva conforme os poderes já conferidos.

### A questão das carnos

Para abastecimento da cidade foi já firmado um contracto com a firma Grandela & Syder, Limitada, para o fornecimento de 800 a 900 cabeças de gado bovino exótico ao preço de 26 libras e 5 xelings por cada rez. O vogal do pelearo dos mercados, sr. dr. Filipe Cayola, teve conhecimento que, devido ao facto de se ter importado gado, vai aparecer oferta de rézes em abundância e, conseqüentemente, diminuição no preço da carne.

### Carros de mão

Segundo um § único adicionado ao art. 1.º da postura ultimamente publicada acerca de carros de mão, estes, quando conduzidos por adultos, poderão transportar até 200 quilos de carga, mas quando não seja em subidas.

## Hemorroidal

Cura-se evitando operação, tanto interno como externo, em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receita completa, 20\$00.

## Prostatites

Cura-se radicalmente na Farm. Ultramarina, R. de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes. curam-se sempre.

**Teatro da Trindade**  
TELEF. T. 979  
HOJE, Sexta-feira, 3 de dezembro  
REPARAÇÃO DA COMPANHIA  
Lucília Simões-Erico Braga  
com a peça em 4 actos, de Sudermann,  
trad. de António Pinheiro e Ricardo Pereira  
**As Fogueiras de São João**  
Assombrosa criação da notabilíssima  
actriz-empresária  
**LUCILIA SIMÕES**  
Nos intervalos:—Concerto pela pianista  
francesa YVONE LAMBERT  
Venda de bilhetes sem locação.—Fautuils  
(toda a plateia) e balcoires de 1.º, 2.º, 3.º,  
4.º e 5.º; Camarões: 4000, 5000 e 20000.  
O mais barato e melhor  
espectáculo da actualidade

## Solidariedade

### Pró-Domingos Gonçalves

No próximo domingo realiza-se no Salão de Festas da Construção Civil a festa de homenagem ao camarada Domingos Gonçalves, que se encontra doente.

Toma parte nesta festa o aplaudido Grupo Dramático Solidariedade Operária, subindo à scena o drama social «Gatunos de Luva Branca» e a comédia em 1 acto «Pecado de Simônia».

Os bilhetes podem ser procurados no Sindicato dos Manipuladores de Pão, calçada Castelo Branco Saraiva, 42, 1.º, e à porta do Salão no dia da festa.

A comissão organizadora desta festa lembra a todos os manipuladores de pão e ao operariado em geral o dever de auxiliarem Domingos Gonçalves, um dos militantes que à causa dos oprimidos tem dado o melhor do seu esforço.

Os bilhetes que não forem devolvidos até amanhã considerar-se-ão vendidos.

João Joaquim Celestino comunica-nos ter recebido do camarada Silva Campos a quantia de 65\$00, produto duma quete tirada entre um grupo de amigos, para compra duma cinta elástica.

### Notas várias da Lisboa triste

### O fim de um bomboiro

Na Sala de Observações do Banco do hospital de São José, faleceu a madrugada passada, o bomboiro-chauffeur 287, José Maria Rosa, que, como noticiámos, foi, no dia 30 último, vítima de um desastre num auto de pronto socorro, quando regressava dum incêndio em Campolide ao seu quartel nas Laranjeiras. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária.

### Atropelado por automóvel

No Banco do hospital de São José, foi pensado e recolheu a casa, Agostinho da Assunção, de 14 anos, natural de Lisboa, residente na rua dos Prazeres, 6, que, na calçada da Estrada, foi atropelado por um automóvel, ficando ferido na cabeça e no rosto.

### Um menor atropelado por um automóvel

Na rua do Grilo, ao Beato, foi atropelado por um camião um menor de 9 anos, que deu entrada na Sala de Observações do Hospital de São José, com fractura do crânio, falecendo de madrugada. Da averiguação da sua identidade constatou-se que se chamava, eventualmente, Amílcar Rodrigues, morando na rua de Marvila, Casal Ventoso, J. C. P. O chauffeur, dado como responsável pelo desastre, foi preso.

### Distribuição de correspondências em Lisboa

Actualmente faz-se 4 distribuições de correspondências aos domicílios de Lisboa. A 1.ª às 8,30 horas, das correspondências ordinárias, vindas na véspera pelo «



MARCO POSTAL  
Foz do Douro—J. A. de Castro—Rece-  
bemos 9550, Pagou a assinatura do mês de  
Maio de 1925.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid, cheque		2598
Paris, cheque		573
Suiza, cheque		2578,5
Bruxelas, cheque		2574
New-York, cheque		10564
Amsterdão, cheque		7584
Itália, cheque		584
Brasil, cheque		2540
Praga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4566

TEATROS  
Nacional.—A's 21.—O homem e os seus  
fantasmas.  
São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff.  
Ginástico.—A's 21,30.—A Falsa do Gato.  
Politeama.—A's 21.—O idílio nam 5.º an-  
do.  
Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—A Mouraria.  
Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Mo-  
rangos.  
Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—Era uma  
vez uma menina.  
Joaquim de Almeida.—A's 20,30 e 22,30  
—Variedades.  
Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.  
Salão Foz.—A's 15 e 20,30.—Varieda-  
des.  
Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS  
Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olim-  
pia.—Matinées e soirées.—Salão  
Central.—Praça dos Restauradores.—  
Chiado Terrace.—Rua António Maria  
Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida  
da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua  
Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua  
do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do  
Alvito (Alcântara).—Cine Paris.—Rua  
Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque  
Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa.  
(Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua  
da Esperança).—Domingos, terças, quin-  
tas e sábados, às 20,30, animatôgrafo.  
—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

ISQUEIROS  
Tubos, rodas, chaminés, fundos,  
molos e pedras, a preços resumidos.  
Pedidos a:  
FRANCISCO LATTA  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

O Sindicalismo Revolucionário e a  
Organização Operária  
Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um  
dos maiores oradores da Alemanha, mem-  
bro da A. I. T. Folheto com 32 páginas,  
com um esboço biográfico do autor. Preço  
1500.  
Pedidos à administração de A Batalha.  
A Revolução Social e o Sindicalismo  
Por Arkimof. Preço 1550.

Associação de Socorros Mútuos  
UNIAO LISBOENSE  
Sede—Rua de São Paulo, 104, 3.º. Direção—Lisboa  
Mesa da Assembleia Geral  
AVISO  
Convoco a Assembleia geral desta Associação  
a reunir na sua sede, pelas 20 horas do dia 6 de  
corrente, sendo a ORDEM DOS TRABALHOS:  
1.ª—Leitura da Mesa da Assembleia geral, Direc-  
ção e Conselho Fiscal para o exercício do p. 1.  
do ano de 1923.  
2.ª—Não retendo neste dia por falta de número  
legal de sócios, realizar-se-á a mesma assem-  
bleia, com qualquer número, no dia 14 do cor-  
rente, à mesma hora, local e para o mesmo fim.  
Lisboa, 2 de dezembro de 1923.—O Presidente  
da Mesa, Domingos José Matheos Júnior.

LA NOVELA SOCIAL  
LA LOCA VIDA  
E' o título do n.º 10 da interessante colecção  
de novelas que se publicam em língua  
espanhola sob o título genérico de *Novela  
Social*, encontrando-se à venda na nossa  
administração ao preço de \$50. Pelo cor-  
reio \$70.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS  
PLANTAS, livro útil às boas donas de  
casa. Preço \$200; pelo correio, \$250.  
Pedidos à administração de A Batalha.

ASSINEM Os mistérios do Povo

A GRANDE BAIXA  
DE CALÇADO  
SÓ COM O LUCRO DE 10%  
NA  
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA  
Sapatos para senhora . . . . . 3090  
Sapatos em varal . . . . . 3090  
Eletas pretas (grande saído) . . . . . 4830  
Eletas brancas (saído) . . . . . 2890  
Grande saído de botas pretas . . . . . 8890  
Eletas de couro para homem . . . . . 4090

PELES!!!  
A casa que melhor sortido apresenta  
e que mais barato vende é a  
PELARIA CONFIANÇA  
3—Rua da Palma—3-A  
Esta casa tem sempre um grande stock  
de peles para senhora, vindas direc-  
tamente das melhores fábricas estrangeiras.  
Barreiros & Jesus  
TELEF. N. 3691

Depósito da Covilhã  
ROSSIO, 93, 1.º  
Acabem de chegar muitos padrões de boas  
fazendas de lã para senhora, vindas direc-  
tamente das melhores fábricas estrangeiras.  
Estampas e casimiras desde Esc. 1.000 o metro.  
Grande sortido das principais fábricas do país,  
e um esboço de artigos de lã e de seda que  
vendemos por preços sem comparação. Há  
feitos e fazem-se por medida, sobretudo para  
homens e crianças desde Esc. 180903. Casacos  
de senhora desde Esc. 1.20000.  
Tem alfaiataria para a sua enorme clientela.  
Executam-se fatos em 24 horas  
Manda amostras para a provincia  
e em Lisboa ao domicílio

Lotaria do Natal  
Em 23 de Dezembro de 1926  
Prémios maiores . . . 4.000.000\$00  
1.200.000\$00  
Bilhetes a 1.000\$00 e quadragési-  
mos a 25500, cauteles a 6500. Pelo  
correio mais \$80.  
Pedidos a  
Camião & C.  
116, RUA DO AMPARO, 116  
LISBOA

"A BATALHA" no Funchal vende-se  
No Bureau de La  
Presse.

LA NOVELA IDEAL  
Acaba de chegar o n.º 38 desta revista  
intitulado *El drama de um amor vulgar*,  
de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. —  
Pedidos à administração de A Batalha.

O calçado mais sólido e mais  
barato de Lisboa vende-se no  
depósito da Sapataria Brasil, Rua  
da Madalena, 206 e 212, a quem  
apresente este anúncio, des-  
conto 5%.

Policlinica da Rua do Ouro  
Entrada: RUA DO CARMO, 98  
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-  
ciso—A's 5 horas.  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Villar—4 horas.  
Eletas, eletroterapia—Dr. Miguel Magalhães—10  
horas.  
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12  
horas.  
Doenças nervosas, eletroterapia—Dr. R. Loff-  
3 horas.  
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—  
12 horas.  
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5h.  
Doenças das mulheres—Dr. Emilio Paiva—2 horas.  
Doenças das crianças—Dr. Filipe Munoz—12 ho-  
ras.  
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3  
horas.  
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.  
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Almeida—4 horas.  
Reio X—Dr. Almeida Saldaña—4 horas.  
Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS  
sem  
consultar  
a Empresa de Limas União Tomé Fátima, Lda  
Sede em VIEIRA DE LEIRIA  
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca con-  
corrência com as melhores marcas estrangeiras  
EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa  
Travessa do Fala 56, 9-B  
TELEF. N. 3415

O AUTOMÓVEL SÓ ERA  
ACESSIVEL AOS RICOS  
A Cooperativa Lisbonense  
de Chauffeurs  
PROLETARIZOU-O  
Porisso, as classes trabalhado-  
ras têm o dever de preferir o  
taxis "Citroën" (palhinha ama-  
rela) a qualquer outro  
Telefones: Norte 5521 e 5528,  
Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso 21

NINGUEM!! NINGUEM!!  
deve comprar casacos para senhoras e crian-  
ças em peluches de lã, peluches de seda  
e de outros tecidos de lã modernos e so-  
bretudo para homens  
sem primeiro ver na  
CASA MARIPOSA  
RUA DOS FANQUEIROS, 87 a 91

Edições SPARTACUS  
A Teoria Libertária ou o Anarquismo  
por Campos Lima, 3500.  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por  
Mário Domingues, 6500.  
No Sertão d'Africa (contos tradicionais  
indígenas), por Manuel Kopke, 6500.  
A' venda nas livrarias e na administração  
de A Batalha.  
Depósito: Livraria Renascença,  
rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Suplemento semanal ilustrado  
de "A Batalha"  
Encontra-se já à venda o primeiro ano  
deste interessante semanário, devidamente  
encadernado, numa ótima capa em per-  
ciana ilustrada a cores, por Alonso, contendo  
um indispensável índice dos variados  
assuntos de ordem doutrinária, literá-  
ria e artística.  
O seu preço é 1 volume com 420  
páginas, 45\$00.  
Encadernação (por capas e índice)  
20\$00.  
Capas e índice em separado, 13\$33  
Pedidos de colecções, ou envio destas  
para encadernação, à administração de A  
Batalha.

Edições de "A Sementeira"  
Práticas neo-malthusianas . . . . . \$50  
O sentido em que somos anarquistas . . . . . \$30  
A peste religiosa . . . . . \$40  
A Liberdade . . . . . \$50  
A Internacional (música e letra) . . . . . \$30  
Pedidos à A BATALHA  
ou no Caiso Sodré, 82

FATOS  
A 220\$00 feitos por medida em boas  
casimiras. Recebem-se fatos a feito  
e forros por 120\$00.—ALFAIATARIA  
DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊN-  
CIA E ENSINO

Abel Botelho—Amanhã . . . . .	16800	Jorge Teixeira—Gatos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro) . . . . .	2550
Alexandre Heróclio . . . . .		Juliano Quintana . . . . .	8500
Leontas e Narrativas (2 volumes). Cartas (2 volumes) . . . . .	18500	Vinheta do Mar . . . . .	8500
História da origem e estabeleci- mento da Inquisição em Portu- gal (3 vols.) . . . . .	27500	Cavallada do Sonho . . . . .	8500
Adolfo Lima . . . . .		Terra de Fogo . . . . .	8500
Contrato do Trabalho . . . . .	10800	Dor vitoriosa (novela) . . . . .	525
Educação e ensino . . . . .	5500	Laisant—Iniciação matemática . . . . .	5500
O ensino da história . . . . .	1550	Malvert—Ciência e Religião . . . . .	10500
Aquino Ribeiro . . . . .		Mário Domingues—Ilugo, o pintor (novela) . . . . .	525
Anatole France . . . . .	3500	Anastácio José (idem) . . . . .	525
Estrada de São Tiago . . . . .	10500	Manuel Ribeiro . . . . .	
Jardim das Tormentas . . . . .	10500	Poder redentor (novela) . . . . .	125
Via Sinuosa . . . . .	10500	Mirbeau—O Jardim dos Suplícios . . . . .	4500
As Filhas da Babilónia . . . . .	10500	Nogueira de Brito . . . . .	
Terras do Demo . . . . .	10500	—Memórias de Angela Pinto Sangue Fidalgo (novela) . . . . .	15500
Augusto Machado—Impossível re- denção (novela) . . . . .	525	Não, diz a Lei (novela) . . . . .	525
Augusto de Sousa—Folhas perdidas (Fados) . . . . .	10500	Pargame—Origem da vida . . . . .	8500
Bento Faria—Missão nova (teatro em verso) . . . . .	2500	Oliveira Martins . . . . .	
Bianchi-Sangre—A loucura de Jesus . . . . .	4500	Helenismo e a Civilização Cristã . . . . .	15500
Buckner—O homem segundo a ciência . . . . .	12500	História da Civilização ibérica . . . . .	15500
Charles Darwin—Origem das espe- cies . . . . .	14500	História da República Romana (2 volumes) . . . . .	30500
Campos Lima . . . . .		História de Portugal (2 vols.) . . . . .	30500
O Estado e a evolução do Direito O Amor e a Vida . . . . .	12500	Raças Humanas (2 vols.) . . . . .	30500
Ceia dos Pobres . . . . .	5500	O Brasil e as Colónias Portuguesas . . . . .	15500
A Revolução em Portugal . . . . .	6500	Cartas Peninsulares . . . . .	15500
Cristiano Lima—A escola de Nun'Al- vares (novela) . . . . .	525	Sistema dos mitos e ficções religio- sas . . . . .	15500
Duarte Lopes—Frei Sangue . . . . .	5500	Orlando Marçal . . . . .	
Ega de Queiroz . . . . .		Agnes claras . . . . .	6500
O crime do Padre Amaro . . . . .	18500	Imagens de Sonho . . . . .	1500
O primeiro Basílio . . . . .	15500	Raul Brandão . . . . .	
O Mandarim . . . . .	8500	Os Pescadores . . . . .	10500
Os Maias (2 vols.) . . . . .	28500	Os Pobres . . . . .	10500
A Reliquia . . . . .	15500	O Teatro . . . . .	8500
A Cidade e as Serras . . . . .	12500	Spencer—Da Educação (br. 5500) enc. Sobral de Campos—Dois tiros (no- vela) . . . . .	8500
Fradique Mendes . . . . .	9500	Tolstoi—A sonata de Kreutzer . . . . .	4500
Casa Ramires . . . . .	15500	Ana Karenine (3 vols.) . . . . .	15500
Prosas Bárbaras . . . . .	10500	Toulouse—Como se deve educar o espírito . . . . .	4500
Ecos de Paris . . . . .	9500	Wenceslau de Moraes . . . . .	
Cartas Familiares . . . . .	9500	Dai-Nippon . . . . .	12500
Cartas de Inglaterra . . . . .	9500	Vietor Hugo . . . . .	
Minas de Salomão . . . . .	9500	França e Bélgica . . . . .	10500
Notas Contemporâneas . . . . .	15500	O Reno (2 vols.) . . . . .	15500
Últimas páginas . . . . .	15500	Os Miseráveis (2 grossos vols) ilus- trados, encadernados . . . . .	40500
Contos . . . . .	15500	Zola . . . . .	
História da Criação . . . . .	20500	A Taberna . . . . .	12500
Origem do Homem . . . . .	5500	Tereza Raquin . . . . .	5500
Os enigmas do Universo . . . . .	14500	Alegria de viver (2 vols.) . . . . .	8500
Monismo . . . . .	4500	A conquista de Plassans (2 vols.) . . . . .	8500
Religião e evolução . . . . .	6500	Fecundidade . . . . .	20500
As maravilhas da vida . . . . .	14500	A fortuna dos Rougons (2 vols.) . . . . .	8500
Faguet—Iniciação filosófica . . . . .	5500	Uma página de amor . . . . .	9500
Iniciação literária . . . . .	10500	Dr. Pascal . . . . .	8500
Faria de Vasconcelos . . . . .		FOLHETOS	
Problemas escolares . . . . .	5500	Eliseu Reclus—Anarquia e a Igreja . . . . .	1500
Por terras de além mar . . . . .	5500	A Evolução legal e a anarquia . . . . .	50
Ferreira de Castro . . . . .		Bonçalves Correia—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura . . . . .	550
Sangue Negro . . . . .	2550	José Prat—A burguesia e o prole- tariado . . . . .	550
Saudes de Lirismo e de Amor . . . . .	8500	A necessidade da Associação . . . . .	550
A Peregrinação do Mundo Novo . . . . .	6500	Content—Contra o confusãoismo . . . . .	550
F. Castro e E. Frias—A Boca da Es- tange . . . . .	8500	Alfredo Neves Dias—Razão (poeme- to social) . . . . .	550
Flammarion . . . . .		Ernesto da Silva—Teatro livre e Arte Social . . . . .	550
Iniciação Gastronómica . . . . .	5500	Landauer—Social Democracia . . . . .	550
Contos de luar . . . . .	5500	R. Mela—O princípio do fim . . . . .	550
Como acabar o mundo . . . . .	7500	—A maçonaria e o proletariado . . . . .	550
Os habitantes dos outros mundos . . . . .	4500	J. Most—Peste religiosa . . . . .	550
Felix le Dantec—As influências as- trofísicas . . . . .	10500	João P. do Rio . . . . .	
Fialho de Almeida . . . . .		Definições sociais . . . . .	550
Lisboa Galante . . . . .	10500	Horas anarquistas (versos) . . . . .	550
Estâncias de Arte e Saúde . . . . .	9500	Trovas da Noite . . . . .	1500
Figuras de destaque . . . . .	9500	Roberto, o pescador . . . . .	1500
Actores e Autores . . . . .	9500	Memórias do Parque de São João do Forte . . . . .	1500
Contos . . . . .	9500	—Carnet de Pensamento . . . . .	550
A Esquina . . . . .	9500	J. Sakumina—O sentido em que so- mos anarquistas . . . . .	550
Aves Migradoras . . . . .	9500	Chueca—Como não ser anarquista . . . . .	550
Barbar, Penstar . . . . .	9500	Lazare—A Liberdade . . . . .	550
Cidade do Vício . . . . .	9500	R. Elviant—A minha defesa . . . . .	550
Pasquinadas . . . . .	10500	J. Kropotkin . . . . .	
País das Uvas . . . . .	9500	Os bastiões da guerra . . . . .	550
Saibam quantos . . . . .	9500	Moral anarquista . . . . .	550
Vida errante . . . . .	9500	O espírito revolucionário . . . . .	550
Vida trágica . . . . .	9500	O estado e o seu papel histórico . . . . .	1550
Guerra Junqueira—A morte de D. João Musa em fúria . . . . .	10500	J. Guedes—Lei dos Salários . . . . .	550
Os Simples . . . . .	7500	Briand—A greve geral . . . . .	550
A velhice do Padre Eterno (En- cadernação de luxo) . . . . .	14500	Roland—Russia Nova . . . . .	550
Brochado . . . . .	10500	—O sindicalismo e os intelectuais do Carvalho—A gestão sindical no período revolucionário . . . . .	550
Gorki—Os Degenerados . . . . .	4500	A Hamon—A crise do socialismo . . . . .	550
Os Vagabundos . . . . .	4500	J. Santos—A transformação da sociedade . . . . .	550
Na Prisão . . . . .	2550	Neno Vasco . . . . .	
Ilsen—Espectros . . . . .	4500	Georgicas . . . . .	550
Casa de bonecas . . . . .	5500	Greve de inquilinos, teatro . . . . .	1500
Jacquinet—História Universal, 2 v. Jaime Cortezão—Adão e Eva (tea- tro) . . . . .	10500	—Proletariado Histórico . . . . .	1500
José Benedit—A ciência redentora (novela) . . . . .	5500	G. Archinof—A Revolução so- cial e o Sindicalismo . . . . .	550
Jesus Pelxoto—O mestre geral (no- vela) . . . . .	525	Carlos Rates—Aditadura do pro- letariado . . . . .	1500
		Emílio Chapelier—Porque não creio em Deus . . . . .	1500
		Rodolfo Rocker—O sindicalismo revoluc. e a organização operária . . . . .	1500

nenhuma nela. Declaro que lhe recusou todos os meios  
de acção de que posso dispor e que me oponho a ela  
por todos os meios possíveis, licitos ou ilícitos. E como  
nada mais tenho a fazer aqui, tenho a honra de me  
cumprimentar a todos, meus senhores. (Caminhando  
para a porta.) E tenho dito.  
Humberto, detendo-o na passagem.—Miserável!  
hipócrita, vil tonsurado, tratante! você será capaz de  
nos ir denunciar?  
Morlet.—Sou capaz de tudo para impedir a reali-  
zação dum acto não aprovado pelo geral da minha  
ordem. O geral pronunciou-se. Todos lhe devem obe-  
decência, incluindo os reis, e até o próprio papa. . . Si-  
lêncio e obediência.  
Dito isto, o jesuíta, aproveitando o espanto que en-  
todos causaram a sua audácia e o seu sangue frio,  
saiu do quarto, dizendo ao pequeno Rodin, que espe-  
rava à porta:  
—Vamos, meu rapaz, que temos que temos fazer  
noutra parte.  
—Aqui estou, respondeu o pequeno Rodin, pronto  
a segui-lo, meu bom padrinho! Ordene, que eu obe-  
deço.  
João Lebreun tinha sido encarregado, a 10 de De-  
zembro de 1792, de ficar de guarda a Luis XVI, preso  
no Templo com a família, e ocupava um quarto con-  
tíguo ao do ex-rei. João Lebreun sentia uma espécie  
de compaixão pelo prisioneiro, pensando que este ho-  
mem, nascido com boas intenções, dotado de certas  
boas qualidades pessoais, tinha sido impellido pela sua  
condição de rei a praticar actos que deviam acarretar  
sobre ele um severo castigo. Luis XVI sofria o seu  
cativeiro com resignação, testemunhando raras vezes  
cólera ou desgosto pela vigilância a que estava sujeito,  
e esperava que a convenção se contentasse com detê-  
lo até estar assinada a paz, e exilá-lo depois. Luis  
XVI mostrava-se muito solícito com a mulher, com a  
irmã, com o filho e com a filha, o que era mais uma

prova do vício original da realza, que pode transfor-  
mar um homem que é bom esposo, bom pai e bom  
irmão, num homem sem fel na sua vida privada, num  
tirano execrável e capaz de todos os crimes.  
Achando-se casualmente afastadas as cortinas da  
porta envidraçada que separava a ante-câmara do  
quarto ocupado por Luis XVI, João Lebreun viu o  
rei passando no quarto, a pesar de de ter já dado há  
muito a hora em que lhe costumava deitar-se.  
Luis XVI parecia estar numa extrema agitação que  
contrastava com a natural apatia do seu temperamento;  
ele devia comparecer no dia seguinte na barra da Con-  
venção, e tinha-lhe já dito o seu criado Cléry que os  
realistas iam tentar rapta-lo à sua escolta durante o  
trajecto do Templo à Convenção. Sem dúvida para se  
distrair, abriu a porta da ante-câmara onde estava  
João Lebreun, a fim de conversar com ele. Inspirava-  
lhe alguma confiança o aspecto do seu guarda; Luis  
XVI tinha notado nas feições do mancebo o quer que  
fosse de compaixão, que facilmente se podia confundir  
com o respeitoso interesse dum súbdito pelo seu rei  
prisioneiro, e por isso entrou no quarto do seu guarda.  
Este, em sinal, não de respeito ao rei, mas de comi-  
seração pelo homem cativo, levantou-se do canapé  
em que estava sentado.  
Luis XVI disse-lhe com o tom mais amável:  
—Meu amigo, não me sinto hoje com sono. Quere  
conversar comigo um pedaço, para tornarmos a in-  
sónia menos aborrecida?  
—Com todo o gosto, real senhor, (Sire).  
Luis XVI, pela primeira vez depois da sua prisão,  
ouvia alguém dar-lhe este tratamento; habitualmente  
os guardas chamavam-lhe *cidadão* ou *sr. Luis*, ou  
simplesmente *Luis Capeto*.  
Luis XVI, procurando penetrar nos pensamentos  
de João Lebreun, continuou, após um momento de  
silêncio:  
—Creio, meu amigo, que também lamenta a minha  
sorte. Eu tenho sido caluniado, mas a luz há-de fazer-se  
um dia, e talvez brevemente, porque eu, graças a

Deus, tenho ainda amigos. E não sei o que me diz  
que o senhor é um dos subditos fieis e dedicados a  
quem aludo.  
—Real senhor, eu sou muito leal para o deixar,  
embora por um momento, nesse erro. Eu não aceito  
a qualidade de *súbdito*, real senhor! sou *cidadão* da  
república francesa.  
—Vejo que me enganei, senhor! replicou Luis XVI  
amargamente. Agradeço a sua franqueza.  
—Este procedimento é-me ditado pela minha  
dignidade, e também pela compaixão que me inspira  
a infelicidade, não do rei, mas do homem.  
—Senhor! replicou com altivez Luis XVI. Eu não pre-  
ciso da compaixão de ninguém; bastam-me a miseri-  
córdia do céu e a minha consciência. Não falemos  
mais neste assunto.  
—Eu não procurei de forma alguma a honra desta  
nossa conversação; e, se a tivermos de continuar, bom  
será que eu lhe exponha já os meus sentimentos com  
relação à realza, para assim lhe poupar novas desilui-  
ções. Nunca a Revolução e a República tiveram sol-  
dado mais fiel e dedicado do que eu. Agora, estou às  
suas ordens, se quiser continuar a conversar comigo.  
Luis XVI não era destituído de bom senso, e, acal-  
mado o seu primeiro ressentimento, confessou que o  
modo de proceder deste oficial era muito louvável,  
pois que, declarando-se revolucionário e republicano,  
ainda a pesar-disso tratava com deferência um rei  
cativo.  
—Fui ríspido ainda há pouco, e peço desculpa;  
mas eu tinha esperado encontrar em si um súbdito fiel,  
e achei-me em presença dum inimigo. . . Bem vê que  
deve ter sido grande a minha decepção. Discutamos  
contudo sobre o seguinte tema: o seu ódio à realza.  
Que mal lhe fizeram, a si e aos seus iguais, este clero,  
contra quem nutrem tanto ódio?  
—Eu podia responder-lhe, senhor, em poucas pa-  
lavras, com factos e sem declamações. . . mas em pode-  
ria ir assim molesta-lo nas suas opiniões, e talvez dar-

-lhe ensejo para fazer aproximações desagradáveis. .  
E' esta a terceira vez, no decurso de quatorze sécu-  
los, que um descendente da família Lebreun se encon-  
tra com um dos herdeiros da monarquia de Clovis, e  
isto em circunstâncias. . .  
—Decerto interessantes. Que circunstâncias são  
essas? Creia que está excitando a minha curiosidade.  
—Essas circunstâncias são bem sinistras, e ser-  
me-ia bem desagradável fornecer-lhe o ensejo de con-  
frontar a sua situação actual com a dos principes seus  
antepassados.  
—Conte-me essa parte das suas legendas, sr. Le-  
breun; excitou-me a curiosidade, e creia que a sua  
narração em nada abalará a minha confiança num  
futuro mais feliz.  
—Vou então satisfazer-lhe a vontade, real senhor.  
—Era no ano de 738, um dos meus avós, chamado  
Amal, soldado aventureiro e companheiro de armas  
de Carlos Martel, estava em Anjou, no convento de  
S. Saturnino. O meu antepassado tinha sido encarre-  
gado por Carlos Martel de guardar, como prisioneira  
no convento, uma pobre criança de nove anos. Esta  
criança era Chilperico, filho de Thierry IV, o rei ma-  
drasto. Esta criança morreu pouco depois, e assim se  
extinguiu o último ramo dos merovingios. . . a raça de  
Clovis, que tinha coberto de ruínas a Gália. . . Dois  
séculos mais tarde, em 987, no castelo de Compiègne,  
outro ascendente meu, um filho dum guarda florestal  
do domínio real, achava-se no quarto de Luis o ma-  
drasto, só com este principe, e, de repente, viu-o des-  
falecer, tornar-se duma lividez cadavérica, e pouco  
depois começar a agonisar. E ele então disse ao rei  
muribundo: «Luis! no ano passado, Hugo Capeto,  
conde de Paris, mandou envenenar teu pai pela rainha  
sua mulher, concubina do bispo de Laon. . . Luis, tu  
vais morrer do veneno que te mandou dar tua mulher,  
a rainha Branca. Ela prometeu ao seu camareiro, Hugo  
Capeto, casar com ele no ano que vem. E assim veio  
a suceder. Morto o último dos carlovingios, Hugo Ca-  
peto casou com a viúva do falecido, e subiu ao trono





D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 1

## A JORNADA DE SEIS HORAS

Em Março de 1925 efectuou-se, em Amsterdão, o segundo congresso da nova Associação Internacional dos Trabalhadores. Assistiram delegados das organizações operárias revolucionárias de Alemanha, Suécia, Noruega, Holanda, Espanha, Portugal, Itália, Argentina, Uruguai e Brasil.

Sob proposta da delegação argentina, aprovou-se a seguinte moção:

«Considerando que a Associação Internacional dos Trabalhadores aspira à supressão de todas as formas de salariedade e à abolição do Estado, interpretando assim um dos seus objectivos mais importantes e fundamentais—esse objectivo só será realizado com a organização revolucionária da classe operária;

«que as lutas práticas por melhores condições, dentro da sociedade capitalista, são de valor singular no desenvolvimento da iniciativa revolucionária do movimento operário e na elevação do nível de vida em todos os domínios da existência material e espiritual;

«que a extinção do desemprego, mal que torna insuportável a vida a milhares de proletários, é uma necessidade urgente da hora que passa, sendo o desemprego, em parte, a consequência de uma super-produção atribuída ao facto de a produção não ser determinada pelas necessidades da população, mas pelos interesses do capitalismo e pelo baixo nível dos salários;

«que se atinge essa super-produção aparente por meio do aperfeiçoamento científico de todos os instrumentos de produção;

«que os progressos da produção mecânica teriam necessariamente de ser acompanhados de uma correspondente redução da jornada de trabalho, porque, mesmo no sistema capitalista, não se devia abandonar exclusivamente as vantagens de semelhantes progressos aos detentores contemporâneos das riquezas sociais;

«considerando, enfim, que, de acordo com as mais incontestáveis conclusões da investigação científica, a jornada de oito horas, na indústria moderna, ocasiona maiores energias vitais e provoca um grau de tensão superior à capacidade normal de resistência física do homem;

«que já em várias indústrias de países diferentes é um facto a jornada de seis horas;

«o congresso declara:

«Que a Associação Internacional dos Trabalhadores apoiar, com todos os meios que tenha ao seu alcance, toda a acção e toda a luta que tenha o fim de melhorar praticamente a situação da classe operária. O congresso exorta o proletariado a participar activamente em toda a acção tendente à conquista da jornada de seis horas.»

A moção pareceu a muitos militantes revolucionários talvez precipitada e sem objectivo. Foi apreciada de maneira diversa, quando não silenciada por sistema, nos primeiros tempos. Pouco a pouco se tem aberto caminho e agora queremos resumir algumas razões que nos levaram à defesa desta inovação, sem ter em conta a crítica situação de desalento e cansaço que afflige o proletariado internacional.

Bem sabemos que algum esforço terá de custar romper a geral indiferença e interessar as grandes massas nesta reivindicação. Supomos, contudo, que a redução da jornada de trabalho se torna imperiosa na actual situação da técnica produtiva, e que, se se quiser aliviar um pouco a penúria crescente dos trabalhadores, quanto mais não seja de modo efêmero, durante alguns anos, apenas,

se deverá reduzir a jornada de trabalho para que desapareça o exército industrial de reserva que ameaça a estabilidade de todas as conquistas operárias dos últimos trinta ou quarenta anos.

A tendência para a diminuição da jornada é tão evidente no mundo do trabalho, dentro do sistema capitalista, como a tendência do próprio capitalismo para o acréscimo da sua riqueza à custa dos trabalhadores.

A jornada de seis horas, propriamente, que deveria parecer uma ideia nova, foi já o motivo de aspirações mais ou menos platonicas. Há mais de trinta e cinco anos houve na Australia uma tendência que propiciava a implantação da semana de 35 horas, repartidas por cinco dias.

E sem ir mais longe, a Federação Operária Regional Argentina aprovou no seu sexto congresso, efectuado em Setembro de 1906, esta moção:

«O sexto congresso recomenda aos grêmios que se ponham em condições de fazer triunfar a jornada de seis horas.»

Realmente, essas iniciativas não foram objectivo de persistente propaganda. As condições económicas do mundo, salvas as crises passageiras, eram relativamente florescentes; e nessa prosperidade relativa o equilíbrio do consumo com a capacidade de produção se sustentou até à guerra mundial.

Após a guerra, a situação económica internacional começou oferecendo aspectos inteiramente novos e, de acordo com eles, a conquista da jornada de seis horas, que fora platonica aspiração até então, converteu-se em necessidade de importância vital.

Contra o desalento que poderia nascer das dificuldades que teria a ideia da jornada de seis horas ao pretender interessar o coração dos trabalhadores e impulsionalos à luta pela sua nova conquista, recordemos os antecedentes da luta pela jornada de oito horas.

A jornada de oito horas, que teve o começo da sua realização nos acontecimentos trágicos em Chicago, no ano de 1886, não surgiu como de uma noite para o dia; sua elaboração e sua difusão exigiu largos anos de intermináveis lutas e sacrificios.

Num congresso operário de Baltimore, realizado em Agosto de 1866, vinte anos antes da tragédia de Chicago, declarou-se:

«Antes de tudo, o que é preciso reivindicar, para libertar o trabalho do nosso país da escravidão capitalista, é uma lei que fixe em oito horas a jornada de trabalho. Estamos resolvidos a empregar todas as nossas forças para alcançar esse glorioso objectivo.»

E, no mês seguinte, o congresso da Primeira Internacional, celebrado em Genebra, tomou a seguinte resolução:

«Considerando a limitação da jornada de trabalho como a prévia condição para o logro de todos os restantes esforços visando à emancipação... Propomos que se fixe em oito horas o limite legal da jornada de trabalho...»

Como se vê, vinte anos antes de se iniciar a luta activa dos trabalhadores pela jornada de oito horas, essa ideia foi discutida e apreciada por congressos operários. Esse largo período de gestação explica-se com as condições industriais relativamente suportáveis, as quais não exigiam, com a urgência que actualmente se evidencia, uma solução ao problema da jornada de trabalho.

(Continua)

## CARTA DO PORTO

PORTO, 30.—Na imprensa tem sido ultimamente tratado um caso grave ocorrido em Rio Tinto. E' assim uma coisa idêntica a que repugnante crime praticado na Figueira da Foz, largamente relatado por A Batalha. Segundo um comunicado vindo a lume, as autoridades de cá parece que também pretendem abafar a tremenda responsabilidade de um sátiro que não teve pejo em violentar uma criança de nove anos.

Miguel Monteiro Peixoto é uma criatura de teres e haveres, e como o dinheiro faz remover todas as influências e, por vezes, vergar toda a justiça da nossa terra, eis a razão por que o monstro tem andado um pouco impante da sua impunidade.

A família da menor desflorada, pelo contrário, é uma gente pobre, quasi sem protecção, arrastando penosamente a cruz da vida até ao Calvário affitivo de tantos desgostos: uns desgraçados avós que, para mais, lutam também com a doença, a tornar a avançada idade mais flagellante ainda...

Foi reconhecendo esta divergência de situações económicas e influências existentes entre o victimador e as vítimas, que se constituiu uma comissão denominada «Pro-Humanidade», a qual está disposta a ir até onde for preciso para que o estupro, quando não sofra o devido castigo que merece, pelo menos não se fique clinicamente a rir da sua baixíssima prosa e não possa passar por uma criatura honesta, por uma santa virtude, quando os seus instintos são duma perversidade luxuriante que revolta...

Estando as coisas assim neste pé, não tivemos remédio senão resolvermo-nos a ir até Rio Tinto para ouvirmos, não só as queixas, mas sondarmos os humores de toda aquela vizinhança.

Com mais três camaradas, lá abalámos até ao lugar da Ponte, à Circunvalação, que, por sinal, estava bastante animado devido a uma corrida de motos e de automóveis, promovida pelo Primeiro de Janeiro.

Não tivemos nenhuma dificuldade em dar com a casa da ofendida: as primeiras perguntas que arriscámos, logo toda a gente das proximidades se ofereceu sollicitamente a indicar-nos o tugúrio, o tristíssimo tugúrio, da pobre Clarinda de Jesus, a vítima de Miguel Monteiro Peixoto.

Dissemos ao que fomos, quem éramos e que falassem com toda a franqueza, embora rude. Dentro em pouco, uma multidão de mulheres e homens rodeavam-nos. Quasi que se tornava um verdadeiro comício, chovendo de todos os lados esclarecimentos interessantíssimos.

Tivemos logo a impressão nítida de que o sátiro não goza lá de muitas simpatias e que conta no efectivo da sua pouca vergonha com umas proezas bastante indignas. Interrogando a Clarinda de Jesus, essa criança de nove anos que bem cedo principiou a sofrer a conspurcação dos debochados, ela primeiro lacrimejou. Confortada com algumas palavras nossas, começou então a revelar-nos o mistério.

Como, porém, o sátiro e algum mais da sua força pretendem fazer crer que o crime foi cometido por um outro petiz de nove anos, perguntámos:

—E' verdade que estiveste numa boça com um rapaz de nove anos, esforçando-te?

A Clarinda, terminantemente, negou.

—Não, senhor. Foi o sr. Monteiro.

O sr. Monteiro fazia-lhe muitas festas, dava-lhe rebuçados, promettia-lhe muitas coisas e — metia-a no leito...

—E' porque não gritaste a primeira vez?

E a criança muito naturalmente:

—Pois se não podia, se estava debaixo dele...

Foi numa destas ocasiões que uma outra petiza do lugar surpreendeu o tal Monteiro com a sua vítima. Então perguntámos à miúda:

—Quando o sr. Monteiro te viu, éle que te disse?

—Que não dissesse nada: estava a brincar com a Clarinda...

Bom brincadeira, não há dúvida.

A petiza contou-nos também, na sua linguagem simples, a forma descomposta como vira o devasso.

Como nós soubésemos que o mesmo Monteiro já tinha feito diversas tentativas noutras criaturas, havendo até uma delas que, não levando a bem os seus gestos indecentes, lhe deu tamanho sopapo nos «baixos» que teve de estar um mês na cama — fizemos umas perguntas a tal resplandecida.

Não era preciso mais nada. Estava ali a comadre, uma rapariga dos seus 17 a 18 anos, se não nos enganamos na idade que nos apresentou. Costurava lá em casa. Um dia, o Monteiro foi-se chegando, principiou a dizer galanerias atrevidas e de ter certos gestos que a fizeram indignar. Foi neste momento que lhe mandou um directo às partes genitais que o fez recolher doente à cama...

E a comadre — por ela próprio contado — abalou para casa... até hoje...

Mas para que esta série de patifarias fosse enriquecida com mais um subsídio curioso, curiosíssimo mesmo, uma velhota, trapeira, contou-nos que estando ella um dia a apanhar uns papéis, o dito barrão... procurou tentar contra a natureza, tendo a pobre da velhota de resistir...

Por aqui se vê que os precedentes de Miguel Monteiro Peixoto são pouco honrosos, dignos...

—Porque é que o agente encarregado das investigações não vem interrogar aqui a vizinhança? — Inquirimos.

Resposta quasi a uma voce:

—Porque não querem. E' aquelas pessoas que queiram dizer a verdade, ameagam-nas com a prisão. Têm sido ouvidos uns rapazes menores, para fazerem crer que o criminoso se encontra num garoto de nove anos...

A este, depois de muitas ameaças, conseguiram que éle dissesse que fora éle, e aqueles deram-lhes cigarros para que éles garantissem que foi verdade, que até o viram...

E para confirmarem esta informação, lá foram buscar um perfeito garruche, todo desimpedido, de olhar esfuizante:

Foi porisso que deixámos o Jardim Escola João de Deus com bem sentida saude.

Como ali se respirava a longa haustos um ar tão puro e vivificante!

Leiam o Suplemento de A BATALHA

—Eu cá, senhores, não aceitei cigarros nem disse nada do que éles queriam...

—Olha cá: mas o tal rapaz de nove anos não disse que foi éle que fez o mal a Clarinda?

—Ele disse lá que sim. Mas cá fora disse que não. Fora com o medo que éle dissesse...

Para toda aquela gente que interrogámos não é admissível a história do garoto de nove anos. Nem para aquela gente, nem para nós, nem para o próprio sedutor, e tanto assim que éle inventou a hipótese de que fora a avó, por instinto de malvadez, para o difamar, que abriu, desflorou, a pequenina Clarinda com as mãos!... A Clarinda negou este facto.

Antes de nos retirarmos, quisemos aludir à parteira, D. Deolinda da Silva, que examinou a criança e passou o respectivo atestado no qual declara estar a Clarinda recentemente ofendida. Este atestado está apenso ao processo para cujo abafamento se movem, ao que parece, bastantes influências e dinheiro. Frecejava-se um duplicado do atestado. A parteira, visto que é um caso verídico, não deveria agora recusar-se a passá-lo. Não nega o que examina, constata e afirma — mas não passa mais nenhum. E' Porque será?

Não encontramos uma resposta positiva. A que mais se pode aproximar da verdade, talvez seja esta que nos deram: — a de que está apertada com pedidos... As tais altas influências...

Estávamos, por enquanto, satisfeitos com os informes, que nos habilitam a acreditar nas razões que a comissão «Pro-Humanidade» publicamente exteriorizou contra o repugnante caso do crime grave de Rio Tinto, imputado ao tal Miguel Monteiro Peixoto. A favor deste só veio um irmão, que dizem ser da mesma força. Ah! também veio um grupo de respeitáveis anónimos, que pode muito bem resumir-se ao próprio acusado. A comissão que defende a vítima subscree-se e é assim constituída: Belmiro Ribeiro dos Santos, Francisco Pinto Cerqueira, Manuel Cabral, Rodrigues Mendes Teixeira, José Joaquim da Costa Leite, J. J. Cunha Júnior, Manuel Moreira, António de Oliveira e Manuel Teixeira — indivíduos estes que devem ser ouvidos, se a justiça de Gondomar não é justa de preto...

Ao despedirmo-nos de toda aquela gente, ela ainda nos confessou a sua máguia por Fra Angelico, do Jornal de Notícias, escrever uma crónica contra a vítima, acoidando de viciosa, quando apenas tem 9 anos...

Certamente aquele jornalista não fez isso por mal, talvez obedecendo a más informações. Deve ser ainda talvez porisso mesmo, que o citado jornal resolveu não publicar comunicados, nem de um nem de outro lado...

Mas a questão precisa ser esclarecida...

E tem de ser...

C. V. S.

Nota — Dizemos acima que o Peixoto dava rebuçados à vítima... Nem mesmo isto passou de promessas...

## Comentários

## Nos tempos em que havia religião

Teimam os escribas do catolicismo em imputar à «irreligiosidade» dos anos que decorrem a responsabilidade, não só do aumento, como do selvagem dos crimes que ultimamente se têm cometido por essas terras fora, desde a mais modernizada cidade à mais recôndita e obscura aldeia.

A falta de religião, eis a causa das causas...

Porém, se é certo que a estatística criminal aumentou consideravelmente sobre as passadas, não é menos certo, também, que nos outros tempos se cometiam crimes horrendos de que hoje, a pesar da fera ancestral que a guerra europeia despertou no homem, não se encontram exemplos. E, assim, a história que se vai fazendo, contando, que há talvez um século, passava em uma rua do Porto um condenado à pena capital, que tinha sido um feroz perseguidor político, debaixo duma escolta de dez soldados. A certa altura, em frente duma igreja, por sinal, da multidão que o escoltava tigrinamente, parte um pedaço de ferro que o faz tombar por terra, tendo os soldados sido impotentes para obstar que a turbamulta se apoderasse do desgraçado.

Pisa dando, escurteja dali, foi arrastado pelas ruas da cidade, deixando aqui e além pedaços de carne e membros até. Depois de «imponentemente» passeado pela Invisível, foi o que tinha sido um tirano em miniatura, do qual apenas restava uma massa ensanguentada, difícil de reconhecer já, lançado ao rio Douro, tendo a população que o havia feito, as mãos salpicadas de sangue, recolhido a casa...

... não faltando à missa da manhã do dia seguinte.

Hoje — com o ateísmo que contaminou todas as classes — não se faria idêntico a um cão, quanto mais a um ser humano — «filho do mesmo Deus» — pelo que se conclui que não há mais ferocidade do que nos «belos» tempos em que havia muita crença.

Outros casos idênticos se passaram, senão a forma mais usual como o povo — que ainda seguia docilmente os pastores da religião, e por isso mesmo não pode ser acusado de herético — agia «justeiramente», ultrapassando o infamíssimo versículo bíblico: *olho por olho, dente por dente*.

Actualmente ainda se encontra uma meia dúzia de pessoas que defende tão miserável «justiça», mas são precisamente aquelas que se benzem ao levantar e ao deitar da cama e se descobrem piedosamente ao passar por uns prédios onde estão expostos uns monos, que raramente têm algo de artístico — ou não fossem monos...

Que estas almas cristãs sejam capazes de hoje fazer — como fez o povo ao condenado de há cem anos, aos ateus, que odiavam clinicamente, acreditando. Mas, mau grado seu, o espírito da época que decorre é mui diferente e não tolera semelhantes canibalismos.

Oraças às ideias de fraternidade e liberdade que se têm vindo pregando, embora o povo pareça ir repudiando-as — momentaneamente, é certo — para se voltar às ideias do passado.

LIBERTO

## VIDA SINDICAL

C. G. T.

## Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária

O advogado do Conselho dará hoje, pelas 21 horas, consultas aos operários confederados mediante a apresentação da caderneta confederal.

## Comunicações

**Federação Marítima** — Tomou ontem posse a nova comissão administrativa que distribuiu entre si os seguintes cargos: secretário geral, José de Almeida; secretário adjunto, Cândido de Azevedo; secretário administrativo, Carlos de Oliveira Faneço; tesoureiro, João Rosa; vogal, Francisco Luís Veríssimo.

Foram apreciados os trabalhos que serão presentes à Conferência Nacional dos Sindicatos Marítimos a realizar em Lisboa por todo o mês de Janeiro próximo, a qual se ocupará apenas da discussão das seguintes teses:

«Unidade sindical dos sindicatos marítimos sem preocupação de tendências ideológicas no campo nacional ou internacional». «Crise de trabalho na indústria marítima e fluvial em Portugal». «Distribuição de trabalho aos federados pelas classes que o tenham em excesso».

Os sindicatos, aderentes ou não, podem apresentar trabalhos seus até oito dias antes da abertura da Conferência, os quais serão incluídos na ordem de trabalhos.

As circulares convocatórias da Conferência serão enviadas aos sindicatos por toda a semana próxima.

**Pessoal do Município** — Em face de não ter ainda tomado posse a comissão administrativa, nomeada na última assembleia geral e constatando-se a ausência da maioria dos membros da comissão transacto, tomaram a deliberação de reassumir as suas funções os ex-secretários geral, de actas e administrativo, respectivamente, Armando Côdega, Mariano Pereira e Hilário Parente. Deliberaram ainda convocar uma assembleia geral para explicar a sua atitude à classe e ir na próxima semana junto da comissão administrativa da C. M. L. tratar da questão das certidões de idade e registo criminal.

**Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares** — Confirmam o relato da última reunião do conselho deste organismo e devido a uma notícia publicada no último número de A Batalha, o secretariado resolveu publicar o protesto seguinte aprovado por unanimidade na referida reunião:

«O conselho federal, reconhecendo que o ex-delegado dos Litógrafos, Jaime Tiago, por um desleixo injustificável, ainda não elaborou a acta da reunião do conselho efectuada em 1 de Setembro de 1925 e que por várias vezes tem faltado a compromissos tomados a fim de cumprir esse dever, protesta contra tal facto e convida os secretários das reuniões posteriores a passarem as suas actas ao livro respectivo.»

**Federação Metalúrgica** — Em reunião da comissão administrativa de 30 de Novembro foi apreciado diverso expediente, entre éle o offício do Sindicato Metalúrgico de Evora acreditando como seu delegado ao conselho federal o camarada Joaquim Costa, o que foi aceite; offício do Comité Metalúrgico do Norte, resolvendo-se que baixasse ao conselho federal; offício do Sindicato Metalúrgico do Porto sobre a atitude assumida pelos delegados desta federação ao conselho federal, e resolvido officiar-lhe esclarecendo as razões que motivaram a sua retirada; offício da U. S. O. de Evora e relatório a Elias Gregório, sendo apreciado e tomado na devida consideração, congratulando-se a comissão administrativa com o bom resultado da missão que se incumbiu.

A federação tomou conhecimento de que a U. S. O. de Evora promoveu uma reunião dos metalúrgicos daquela cidade da qual saiu a comissão reorganizadora do S. U. Metalúrgico de Evora, que ficou composta pelos seguintes camaradas: Feliciano Leitão, João Murteira, Carlos Murteira, António José Quaresma e José António. Apreciou depois offício do Sindicato Metalúrgico de Marinha Grande acusando recepção e informando da crise que existe, tomado em consideração esperando informes; offício da Federação do Livro e do Jornal convidando esta federação e os seus delegados ao conselho confederal a uma reunião em conjunto da Federação dos Mobiliários, sendo tomada em consideração e aceite o convite; offício da C. G. T. convidando esta federação a prestar o seu auxilio a todos os camaradas deportados por meio de propaganda: é tomado em consideração e resolvido enviar uma circular a todos os organismos metalúrgicos exortando-os a que se façam sessões de propaganda e reclamando de quem de direito o regresso de todos os camaradas que se encontram nas plagas africanas.

## Convocações

REUNEM HOJE:

**Litógrafos e Anexos**. A comissão administrativa, pelas 19 horas, para tratar dos assuntos pendentes. E' conveniente a comparencia de todos os seus componentes visto a importância dos mesmos assuntos. A esta reunião devem comparecer os delegados das oficinas.

A mesma hora reúne a comissão de educação e propaganda.

**Impressores Tipográficos** — A direcção e cobrador às 21 horas.

**Descarregadores de Mar e Terra** — A direcção juntamente com o conselho fiscal e mesa da assembleia geral, devendo também comparecer a esta reunião todos os camaradas que receberam officios.

**S. U. C. Civil** — Seção Profissional dos Serenites. — Assembleia geral, pelas 21 horas, com a comparencia de todos os seus componentes para apreciar o relatório de confias da comissão administrativa do ano de 1926 e outros assuntos de inadiável solução.

DIAS PRÓXIMOS

**S. U. Metalúrgico** — Pelas 21 horas, a assembleia geral, em segunda convocação, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciar o relatório dos delegados ao Congresso dos Sindicatos de Lisboa; 2.º Apreciar o novo estatuto do sindicato; 3.º Assuntos diversos.

**Refinadores de Açúcar** — Reúne-se amanhã, a assembleia geral, pelas 18 horas, a fim de pautar o caminho a seguir em face

das violências dos industriais cometidas nas pessoas dos operários que têm revelado as suas manigâncias ao publico. Entre esses industriais conta-se o sr. José Luis da Costa que adiciona água no açúcar que moe.

Devido à importância do assunto nenhum refinador de açúcar deve faltar a esta reunião.

## Juventudes Sindicistas

**Núcleo de Setúbal** — Reúniu a assembleia geral tendo nomeado uma comissão administrativa que ficou composta por Raul Adão, Jorge Quaresma e Luís Branco. Foi aceite a demissão pedida por José Encarnação Cavaco. A comissão administrativa suspendeu, provisoriamente, os serviços de biblioteca e pede a todos os que tenham livros em seu poder que os devolvam o mais depressa possível, a fim de que aqueles serviços se possam normalizar no mais curto espaço de tempo. Todas as noites se encontra na sede do núcleo um membro da comissão administrativa.

## CONFERÊNCIAS

"A Arte"

Promovida pela Secção da Moita da Liga de Acção Educativa realiza no próximo domingo, às 13 horas, naquella villa o nosso camarada Nogueira de Brito uma conferência para a qual escolheu o tema «A Arte».

**"Manuel da Silva, jornalista falecido"**

O sr. Norberto de Araújo, jornalista, escolheu, para a conferência que ontem realizou no Sindicato dos Profissionais da Imprensa, um tema que se tornou interessante na simbolização dos que, tendo revelado no exercício da sua profissão notáveis qualidades de inteligência e assimilação, morrem sem sequer se terem abeirado da popularidade e da consagração que mereciam.

O conferente fez um extenso relato evocador do profissional da imprensa. Manuel da Silva é, afinal, o obscuro trabalhador de jornais que realiza maravilhas para saciar a curiosidade ou a ansiedade do publico sempre tão pouco disposto a reconhecer o esforço despendido em seu proveito.

O modesto e inteligente jornalista é sempre o segredo de inúmeros acontecimentos políticos, sociais, económicos, financeiros, jornalísticos, artísticos, culturais, científicos, de todos os acontecimentos que emocionam o publico ou determinam a vida da sociedade.

Manuel da Silva vai entrevistar um presidente do ministério no momento em que a politica se debate na confusão ou na indecisão. Mas a grande personalidade, de quem a opinião publica espera uma revelação que valha uma attitud, recebe o jornalista num estado de espirito que não pode garantir a lucidez dos raciocínios nem a firmeza de opiniões. Como seja preciso satisfazer a curiosidade publica, o pobre Manuel da Silva forja a entrevista, onde inclui uma tal certeza, uma tão profunda visão dos acontecimentos politicos que não há lugar para uma dúvida, para uma rectificação, para um desmentido. E quando o chefe do governo interessado encontra o seu heroico salvador — que nesse dia não teria dinheiro para a renda do quarto — apenas tem uma frase fria e convencional: — Você, jornalista, viu bem...

E o mesmo episodio se verifica depois num momento de crise financeira, ante o qual o ministro das finanças se mostra tão hesitante. E o obscuro Manuel da Silva, que nunca cursara economia, salva a mentalidade financeira apenas armado da sua admirável intuição: O agradecimento por uma entrevista sensacional que não dera foi laconico e inexpressivo na boca do ministro: — Que bem você ouviu...

Anos sucessivos gastos na formação da popularidade e da gloria do jornal que tão avaramente lhe pagava que não lhe proporcionava o prazer de um mimo valioso para a amante que lhe recitava espiritualmente, no segredo de uma existência comum, mas amargurada — foram a vida de um jornalista probo e inteligente que agitou multidões e alvorçou poderes.

Crítico — sofreu a ingratitude de artistas novos e velhos. Cronista — recompensou-o do brilho da sua pena a frieza e o desprêzo. Repórter — viveu no esquecimento de uma popularidade que bem deveria ser sua sómetne. Confista — as letras não fixaram o seu nome.

E um dia, fálhou num pormenor em minúscula reportagem. Tantos anos de valor não moveram a decisão do director egoista e cruel — como quasi todos os directores de jornais, ainda aqueles que se julgam propugnadores de formosos ideais. O despedimento, pois, em vez de uma justa consagração.

E foi a roda... E foram anos de torturas e perseguições. E foi, enfim, a doença horrível — a tuberculose, único limite da profissão — que o secou, que tornou tão leve a carcassa de um homem, outrora obscuro e grande, — que o seu caixão poderia uma só pessoa, sem esforço, levá-lo sob o braço. Enfim — a morte sem a homenagem, sequer, da classe que prestigiou...

Por toda a sua dissertação, Norberto de Araújo fez perpassar a existência do jornalista, a influéncia, tantas vezes, de um simples «reporter» ou de um amargurado redactor nos acontecimentos mais vastos — mas não deixou de ressaltar a dureza da profissão do jornalista, homem de carácter inquebrantável e de firmes de convicções como qualquer outro homem de outra bem diversa e igualmente árdua profissão.

O conferente foi muito aplaudido, até mesmo pelo «Manuel da Silva» que acabou de redigir estas sumárias notas...

## Uma explosão a bordo

BUCAREST, 2.—No porto de Giurgevo, sobre o Danubio, deu-se uma explosão num navio carregado de petróleo e outros oleos combustíveis, declarando-se um violentissimo incêndio, que se comunicou a outros vapores que se encontravam junto do primeiro. O número de vítimas eleva-se a 30 mortos e a uma centena de feridos. — (L)

## A INSTRUÇÃO EM PORTUGAL

## Uma escola que está ameaçada de acabar por falta de auxilio do Estado

FIGUEIRA DA FOZ, 30.—A escola João de Deus fica situada próximo do hospital. E' uma casa simples, mas de construção apropriada para uma escola. Não se assemelha, portanto, àquelles pardieiros onde as crianças são obrigadas a permanecer durante as horas das aulas. E' orlada por um pequeno jardim bem cuidado e vedado por um gradeamento de ferro. Interiormente compõe-se de um vestibulo, retretes à esquerda, vestiário e balneário à direita. Uma sala espaçosa com janelas largas. E' a sala dos trabalhos manuais. Em frente e à esquerda uma aula para a 1.ª classe e à direita a sala para a 2.ª. Tem ainda a cantina e a cozinha.

Tudo aquilo é um esmero de asseio.

As crianças — nós verificámos-lo bem — vivem ali plenamente satisfeitas, durante as horas em que os pais as vão entregar aos desvelos das professoras.

Sabe bem visitar, de quando em vez, uma instituição desta natureza.

As crianças envergam uns bibes de riscado e calçam alpergatas. E as castas, a pobreza e a riqueza, não se diferenciam na pobreza indumentária simples e prática. Ali dentro tanto tem a criança rica como aquella outra que o não é. Vivem ali numa grande família, a grande família da escola.

Visitámos todas as dependências do Jardim-Escola, sem declinarmos a nossa identidade.